

CAPÍTULO III

SER GREMISTA OU COLORADO: EIS A QUESTÃO

Ontem passei na rua por um preto e um branco que discutiam, obviamente, futebol e ouvi o preto dizer: “E o ranca? E o ranca?” Já estava longe da dupla quando me dei conta. O colorado acuado pela gozação gremista estava invocando o “ranking”, a classificação dos clubes brasileiros segundo a sua performance (...) em campeonatos nacionais, e na qual o Internacional é líder. Um parco consolo para estes dias de frustração e desejos assassinados, mas um consolo assim mesmo. O Grêmio também está muito bem no ranca (...) e isso se deve à mesma rivalidade que abastecia o duelo verbal, que tinha todo o jeito de ter começado horas antes e certamente ia durar semanas, dos dois torcedores.

Uma rivalidade que tem algo de selvagem, na medida em que o sucesso de um não apenas desconcerta mas arrasa o outro, mas que é a responsável por todas as conquistas de Grêmio e Internacional nestes últimos anos. Costuma-se atribuir os bons resultados do futebol gaúcho em relação ao resto do Brasil a coisas como clima, formação étnica e até à bravura atávica desta raça de machos, tchê, embora ele tenha começado a se impor no ranca justamente quando começou a importar jogadores. Mas não somos bons porque somos mais europeus ou mais fortes, somos bons porque o Internacional precisa ser melhor que o Grêmio que precisa ser melhor que o Internacional que morre se não for melhor que o Grêmio. Se o que move o capitalismo é a fome do lucro, o que move o irracional futebol de Porto Alegre é a fome da flauta. Há rivalidades parecidas no resto do Brasil, mas duvido que haja outra igual.

No fim caímos na questão do nosso caráter, na nossa histórica afeição a dicotomias irreconciliáveis. No futebol, esta polarização maluca leva a emoções só comparáveis às da montanha-russa: passa-se do pico ao abismo em segundos. Aí está o Internacional, apenas três jogos depois da euforia, mergulhado numa crise de auto-estima. E o Grêmio, que há semanas pensava em tomar formicida, num pique primaveril. E tudo pode mudar outra vez em dois lances. A todas estas, nos mantemos no ranca (“Gre-Nal”, Luis Fernando Verissimo, 1996).

O colorado Luis Fernando Verissimo, pode ter se traído pela paixão quando duvida da existência, no Brasil, de outra rivalidade igual à Gre-Nal. É impossível comprovar sua asserção. Mas, quando sugere um equilíbrio de forças entre os dois clubes, está aquém de qualquer contestação. Pergunte, a guisa de verificação, a qualquer gremista ou colorado qual é seu palpite antes de um Gre-Nal e ele vos dirá, se estiver sendo sincero: “acho que dá Inter (ou Grêmio) de goleada, mas sabe como é, tchê... Gre-Nal é Gre-Nal!”

“Gre-Nal é Gre-Nal” sugere, além do suspense, que se está diante de acontecimento singularíssimo cuja definição redundante, autocontida, não deixa qualquer dúvida sobre a densidade simbólica deste enfrentamento. “Gre-Nal é Gre-Nal” também evoca a institucionalização de uma rivalidade na qual o componente residual, geralmente caracterizado como “tradição”, se sobrepõe às contingências de cada evento em particular.

O Gre-Nal realizado em 23/3/97, por exemplo, evidencia, muito claramente, a força desta “tradição”. Valendo pela fase classificatória do Campeonato Gaúcho, foi disputado pelos suplentes de ambas as agremiações, depois de pelo menos uma semana de especulações e suspense. Os dirigentes do Grêmio e do Internacional justificaram a não escalação dos quadros principais argumentando que, do ponto de vista técnico, o desgaste físico e emocional acrescido pelos riscos de lesões acarretaria em prejuízos pois, na prática, aquele jogo não passava de um amistoso à medida que os dois times já estavam classificados à fase seguinte do campeonato regional. A ordem era poupar energias para outras competições, disputadas simultaneamente ao Gauchão - no caso do Inter, a Copa do Brasil e, do Grêmio, Copa do Brasil e Libertadores da América. Ponderaram as perdas financeiras decorrentes do suposto desinteresse dos torcedores diante de um clássico de reservas e, numa perspectiva menos imediata, o esvaziamento da rivalidade. Mesmo assim, colocaram os reservas em campo e quase 20 mil torcedores compareceram ao Estádio Olímpico para assistir a um empate em zero a zero; um jogo sem grandes emoções, sem vencedor, sem gol e com uma única exclusão: do diretor técnico do Grêmio.³⁶

³⁶ Invariavelmente, os grenais são caracterizados pela tensão e pela ansiedade e nem sempre o *fair-play* é respeitado. Da exacerbação dos ânimos decorrem invasões de campo por parte dos dirigentes, trocas de acusações e, não raro, hostilidades entre os jogadores. As expulsões - dos jogadores - e as exclusões - dos dirigentes -, além de frequentes, constituem-se numa espécie de “termômetro” do clássico. Portanto, de um jogo terminado em zero a zero e com uma única exclusão pode-se dizer que o mesmo não foi propriamente excitante.

Este não foi o primeiro e certamente não será o último Gre-Nal desinteressante, do ponto de vista técnico, na história dos muitos clássicos já realizados. De qualquer modo ficará registrado como o clássico de número 332 o que, diga-se de passagem, não importa muito para os torcedores. Mas, se “Gre-Nal é Gre-Nal”, em algum lugar ele deve ter existido, quem sabe até com maior intensidade do que dentro de campo; afinal, esta máxima, que condensa quase noventa anos de história não haveria de ser negada.

De fato, na manhã de domingo, os porto-alegrenses desfilarão pela José Bonifácio, no tradicional Brique da Redenção, exibindo as cores que os identificavam com um ou outro clube. As rádios, jornais e TVs locais que se dedicam cotidianamente ao noticiário esportivo mobilizaram seus profissionais mais conceituados para a cobertura do evento e, até mesmo a rádio Ipanema FM abriu espaço para a transmissão do Gre-Nal.³⁷ Alguém menos informado poderia definir tamanha mobilização como “coisa do futebol” ou, especialmente por se tratar de um enfrentamento entre equipes reservas, de simples exagero e sensacionalismo engendrado pela mídia.

Seja como for, o Gre-Nal se constitui num jogo disputado dentro e fora de campo. Como sugeri no capítulo anterior, através da distinção entre “temporalidade do evento” e “temporalidade da tradição”, a disputa entre gremistas e colorados até poderá ser desinteressante do ponto de vista do jogo propriamente dito, mas sempre será densa quando vislumbrada a partir da perspectiva da tradição. É neste sentido que o “Gre-Nal é Gre-Nal”, pois se trata de um evento que permite a atualização simbólica de inúmeras categorias sociais. Se esta atualização parece se constituir numa característica geral, uma regra universal tributária do próprio ritual agonístico manifesto através do jogo, de outro modo, ela expressa determinadas particularidades, como, por exemplo, a natureza da própria rivalidade.

Afinal, em que consiste a rivalidade Gre-Nal? Ou melhor, quais são as categorias êmicas mobilizadas pelos torcedores do Grêmio e do Internacional? Como, por quem e em que contexto foram forjadas tais categorias, capazes de polarizar extenso contingente de pessoas e tornar o Gre-Nal absorvente dentro e fora de campo? Por fim, como a rivalidade é atualizada?

Para responder a estas indagações percorri os estádios Olímpico e Beira Rio, em dias de jogos e de treinos; ouvi torcedores que freqüentam o cotidiano dos clubes e

³⁷ Nos últimos anos tanto a Ipanema, “vanguarda do rock”, quanto a Atlântida, “estação pop”, têm aberto suas programações musicais para a transmissão de jogos de exceção, como, por exemplo, a final da Libertadores da América, vencida pelo Grêmio em 1996 e o Campeonato Brasileiro, em dezembro último.

outros, mais antigos, portadores da memória coletiva; consultei jornais e revistas editadas pelos próprios clubes bem como os principais jornais de Porto Alegre; ouvi rádio como nunca; enfim, fiz-me valer de várias fontes, extensas e diversificadas, incluindo livros já publicados sobre o Gre-Nal e a cidade. Se este capítulo é um tanto extenso, talvez se explique em razão da multiplicidade de relatos, informações, narrativas, enfim, de uma multiplicidade de dados significativos colhidos ao longo do trabalho de campo e que, às vezes, resistem aos inúmeros “cortes” exigidos pela escrita.

Por ser longo, subdividi este capítulo em quatro partes, tendo em comum entre elas a questão da rivalidade Gre-Nal. No primeiro, “Alguns dados sobre o perfil de gremistas e colorados”, apresento uma série de dados estatísticos extremamente úteis para corroborar algumas inferências de campo. A maioria destes dados só chegou até mim depois que este capítulo já estava escrito. Por considerá-los pertinentes, decidi anexá-los. Revelam aspectos importantes, mais gerais, é óbvio, sobre o perfil dos torcedores do Grêmio e do Internacional, especialmente em relação a classes sociais, fidelidade clubística, influências na escolha do “clubes do coração” e assim por diante.

A segunda parte, “A cidade polarizada” - que era, originalmente, o início do capítulo - trata da chegada festiva do futebol a Porto Alegre, do cenário esportivo da capital na virada do século e, principalmente, da fundação do Grêmio e do Internacional. Dedico atenção especial à questão do patrimônio, sem qualquer pretensão de trazer uma colaboração a esta sub-área da história ou das ciências sociais. Importa-me, isto sim, mostrar como gremistas e colorados vão construindo, desde o princípio, uma rivalidade densa, cujos contrastes são evidentes a partir dos espaços urbanos por eles apropriados e da forma como o fizeram. No que concerne ao período histórico, esta segunda parte vai do início do século até o final da década de trinta.

O “Gre-Nal em preto em branco”, correspondente ao terceiro subcapítulo, está centrado nas transformações forjadas pelo profissionalismo, dentre as quais se destaca a inserção do negro nos “grandes” clubes de futebol da capital. Pode parecer um enxerto, parêntese, ou coisa do gênero mas, no fundo, este subcapítulo, centrado entre as décadas de quarenta e cinquenta, talvez seja o mais importante para se entender as razões pelas quais as noções de “raça” e “classe social” tornaram-se traços diacríticos da identidade do Grêmio e do Internacional. Ou então, como estes últimos tornaram-se bons para se pensar quando já eram bons para torcer.

Em “Olímpico e Beira-Rio: materializando as diferenças”, retomo a questão patrimonial enfocando o simbolismo dos estádios e a maneira como eles são

vislumbrados pelos torcedores. De um lado, tanto para gremistas como para colorados, seus estádios são motivo de orgulho frente aos torcedores de outros clubes brasileiros. De outro lado, Olímpico e Beira Rio segmentam e hierarquizam os torcedores e servem, inclusive, para atestar quão presente são aquelas distinções forjadas nas décadas de quarenta e cinquenta. Do ponto de vista histórico, o último capítulo passa rapidamente pelas décadas de sessenta em diante para fixar-se no presente.

Não pretendi, em momento algum, contar a história do Gre-Nal - lá se vão quase noventa anos - mas, à medida que o presente etnográfico suscitou elementos do passado, especialmente da “tradição”, não tive outra saída senão me embrenhar nos jornais antigos, revistas, memória oral e assim por diante. A ênfase no patrimônio é, portanto, uma tentativa de condensar a trajetória Gre-Nal pois revela, de forma satisfatória, o quanto gremistas e colorados são contrários, contraditórios e complementares.

3.1. Alguns dados sobre o perfil de gremistas e de colorados

Desde que o “Gre-Nal é Gre-Nal” - mais ou menos a partir da década de vinte; um pouco antes, talvez - gremistas e colorados têm procurado uma maneira de estabelecer, de um vez por todas, quem é o melhor. Entre os gaúchos, quem ainda não ouviu ou não se envolveu numa discussão desta ordem? Dificilmente se encontrará alguém capaz de responder afirmativamente a esta pergunta pois, mesmo os que se dizem alheios às “coisas do futebol” devem ter gremistas e colorados a sua volta, seja na família, no trabalho ou na vizinhança.

Uma recente pesquisa da Amanhã/Segmento - já referida na “Apresentação” desta dissertação - revela que aproximadamente nove entre dez habitantes do Rio Grande do Sul citam Grêmio ou Internacional quando perguntados: “Quando falo em *time de futebol*, que marca lhe vem à cabeça?”

Tabela 3.1*
Lembrança de time em relação à residência dos entrevistados
(Fonte: Top of Mind - Revista/segmento)

Time \ Área	POA	Grande POA	Interior	Total
Grêmio	62,7%	57,3%	54,5%	56,4%
Internacional	33,1%	35,7%	29,3%	31,6%
Outros	***	***	***	10,5%
NS/NR	***	***	***	1,5%
Total	***	***	***	100%

Antes de tecer qualquer comentário acerca dos dados publicados na Revista Amanhã, convém esclarecer que, na Top of Mind e na Top Kids, os times (clubes) foram tomados como marcas e os torcedores como consumidores potenciais. Numa abordagem dessa natureza, os entrevistados são estimulados a fornecerem respostas imediatas sem qualquer preocupação em saber se existe coerência entre a referência a determinada marca e o consumo da mesma - sequer se questiona a possibilidade real de consumo, de forma que um indivíduo da classe “E” é estimulado sobre “companhia aérea” e “plano de saúde”, por exemplo. Por esta razão, pode-se afirmar apenas que o Grêmio é líder absoluto na lembrança dos gaúchos, com 56,4% das respostas, como indica a Tabela 3.1. Isto não quer dizer que os torcedores do Grêmio sejam maioria absoluta, como se verá mais adiante. A discrepância acentuada do Grêmio em relação ao Inter deve-se, antes de mais nada, às recentes conquistas do tricolor e a conseqüente visibilidade na mídia na época em que a pesquisa foi realizada. Tomando-se como referência a Tabela 3.3, pode-se afirmar que muitos colorados referiram o Grêmio como o time que lhes vinha em mente quando estimulados a respeito.

Mesmo que a Top of Mind trabalhe com uma margem de erro de até 2,9 pontos percentuais, para mais ou para menos, pode-se verificar uma tendência do Grêmio ser menos lembrado à medida que se sai da capital em direção ao interior. Como não disponho de dados complementares, é impossível justificar esta tendência. Entretanto, o que a Tabela 3.1 revela, de forma inequívoca, é a proeminência do Grêmio e do

* Como inexistente uma distinção clara entre “time” e “clube”, tanto nesta como em outras tabelas, preferi manter a orientação da fonte mas, devo advertir o leitor, na maioria das vezes deveria constar “clube” onde se lê “time”, de acordo com as considerações feitas na “Apresentação” desta dissertação. De outra parte, “***”, de acordo com minha própria convenção para esta e outras tabelas, indica dados não fornecidos pela fonte citada. Para esta tabela “NS/NR”, referem-se, de acordo com a fonte, “não sabe” e “não respondeu”, respectivamente.

Internacional na lembrança dos gaúchos. Mesmo que a dupla seja menos lembrada no sentido capital-região metropolitana-interior (95,8%, 92% e 83,8%, respectivamente), o índice de 88% conquistados no geral revela a grande influência exercida por Grêmio e por Internacional em todo o Rio Grande do Sul. Neste caso, a simples lembrança corrobora uma “tese”, amplamente aceita, segundo a qual os gaúchos tendem à polarização Gre-Nal, até mesmo aqueles que torcem, em primeiro plano, pelo “clube da cidade” - a exceção seria a cidade de Pelotas, onde Brasil e Pelotas (Bra-Pel) teriam uma legião exclusiva de torcedores.

Em linhas gerais, a Top Kids segue a tendência da Top of Mind, inclusive no que se refere às ressalvas metodológicas já explicitadas.

Tabela 3.2
Lembrança de time em relação à residência dos adolescentes entre 7 e 14 anos
(Fonte: Top Kids - Amanhã/Segmento)

Time \ Área	POA	Grande POA	Total
Grêmio	71,2%	65,4%	67,7%
Internacional	23,7%	31,9%	28,7%
Corinthians	1,7%	0,5%	1,0%
Palmeiras	0,8%	1,1%	1,0%
Outros	***	***	1,6%
NS/NR	***	***	0,0%
Total	***	***	100%

Embora Corinthians e Palmeiras, dois clubes paulistas, figurem na lembrança dos adolescentes, os respectivos percentuais são insignificantes se comparados àqueles correspondentes a Grêmio e a Internacional. A polarização Gre-Nal, tanto em Porto Alegre quanto na Grande Porto Alegre, é ainda mais intensa do que à verificada entre os adultos; 94,9% na Capital, 97,3% na Região Metropolitana e 96,4% do total dos adolescentes lembram, primeiramente, do Grêmio ou do Inter quando estimulados sobre “time” de futebol. Outro dado impressionante, já referido na “Apresentação”, é que nenhum dos entrevistados se furtou à resposta, o que revela o quão presente são os clubes, o futebol e a rivalidade Gre-Nal entre os adolescentes de Porto Alegre e arredores.

Persiste a tendência de haver uma diminuição da discrepância entre as lembranças de Grêmio e de Internacional à medida que se abandona Porto Alegre;

embora ela seja ainda menos conclusiva, pois a Top Kids se limita à Capital e Região Metropolitana. Uma análise apressada acerca da redução desta discrepância poderia redundar numa conclusão equívoca pois, mesmo admitindo que a Região Metropolitana concentra extenso contingente de trabalhadores semi-especializados ou não-especializados, e o Internacional é tido como “o clube do povo”, isto não implica uma relação direta, muito menos do tipo causa-conseqüência. As tabelas a seguir subsidiam, inclusive, a refutação, do ponto de vista empírico, do Inter como o “clube do povo”.

Os dados a seguir são o resultado da “Pesquisa de Marketing Aplicado”, realizada pelos alunos da disciplina de Pesquisa de Marketing da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobre “o perfil do torcedor do Grêmio e do Internacional”.³⁸ Diferentemente da Amanhã/Segmento, a Pesquisa de Marketing Aplicado tomou o futebol e, mais especificamente, o pertencimento clubístico como tema da investigação e, sendo assim, perguntou aos entrevistados o time pelo qual torcem - a indistinção entre clube e time persiste - e não aquele que lhes vinha à cabeça.

Tabela 3.3
Preferência clubística entre os porto-alegrenses
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado (PMA))

Time	No. absoluto	Freqüência
Grêmio	365	48,34%
Internacional	314	41,59%
Outros	12	1,59%
Não tem time	64	8,48%
Total	755	100%

Além de mais lembrado, o Grêmio é também o preferido entre os torcedores de Porto Alegre, mas a vantagem sobre o Inter diminui consideravelmente, como está claro na Tabela 3.4.

³⁸ Este relatório é o resultado do projeto de Pesquisa de Marketing Aplicado, desenvolvido na disciplina Pesquisa de Marketing (sob o código ECO 01163) da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada no 2º semestre de 1997, sob orientação do Professor Walter Nique. Foram ouvidos em torno de 800 porto-alegrenses, de ambos os sexos, acima de 14 anos, em diferentes pontos da Capital. Inicialmente, foram mapeados todos os bairros, de acordo com o perfil sócio-econômico da população e, no momento seguinte, sorteados alguns deles e, dentre eles, uma rua específica para onde os entrevistadores se deslocaram. A partir desta metodologia, a Pesquisa de Marketing Aplicado pôde generalizar as 800 entrevistas como representativas do que pensam os porto-alegrenses acerca dos temas propostos.

Tabela 3.4
Lembrança e Preferência clubística entre os porto-alegrenses
(Fontes: Amanhã/Segmento e Pesquisa de Marketing Aplicado)

Clube	Top Kids	Top of Mind	Perfil do Torcedor
Grêmio	71,2%	62,7%	48,34%
Internacional	23,7%	33,1%	41,59%

Embora esta tabela seja uma espécie de síntese das três tabelas anteriores e portanto, combina dados obtidos de abordagens distintas, é possível fazer algumas inferências. O primeiro dado importante é que a “Perfil do Torcedor” aponta a proeminência da dupla Gre-Nal sobre os demais clubes do Rio Grande do Sul e do Brasil, o que equivale dizer que Grêmio e Internacional, juntos, não estão apenas na “cabeça” dos adolescentes (94,9%) e dos adultos (95,8%) mas também no “coração” dos porto-alegrenses (89,9%). Já a diferença de percentuais entre Grêmio e Internacional, que diminui (de 47,5 para 29,6 pontos) quando se passa da lembrança dos adolescentes para os adultos - Top Kids e Top of Mind, respectivamente -, diminui ainda mais (para apenas 6,75 pontos) quando os entrevistados são perguntados sobre o time pelo qual torcem e não aquele que lhes vem à cabeça. Esta diminuição da diferença, pró-Inter, pode ser atribuída, como já frisei anteriormente, à recente performance do Grêmio que, de acordo com a idade dos entrevistados, tende a exercer menos influência. Ou por outra, a fidelidade clubística interfere na lembrança imediata especialmente daqueles já habituados às oscilações dos resultados de campo propriamente ditos.

De qualquer modo, a performance dos clubes está cercada por uma certa ambigüidade, especialmente quando se compara a Tabela 3.5 com a Tabela 3.7. Vamos por partes.

Tabela 3.5
Influência na escolha do time
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Influência \ Time	Grêmio	Inter	Total
Família	31,59%	33,55%	32,50%
Pai	28,85%	30,35%	29,54%
Amigos	12,64%	8,95%	10,93%
Outros	7,14%	10,86%	8,86%
Cores do Time	8,24%	7,99%	8,12%
Fase do Time	5,77%	4,79%	5,32%
Não sabe	5,77%	3,51%	4,73%
Total	100%	100%	100%

Como era de se esperar, a rede de sociabilidade mais próxima, “família”, “pai” e “amigos”, é que influencia na escolha do “clube do coração” em aproximadamente 74% dos torcedores do Grêmio e do Internacional. Outro dado importante é que apenas 5,32% indicam a “fase do time” como determinante da escolha. A Tabela 3.6 põe algumas dúvidas a este respeito.

Tabela 3.6
Opção clubística por faixa etária
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Idade (anos) \ Time	Grêmio	Inter	Total
menos de 15	0,00%	0,60%	0,29%
de 15 a 25	51,70%	26,35%	39,36%
de 25 a 40	39,77%	58,08%	48,69%
de 40 a 55	0,00%	0,00%	0,00%
de 55 a 70	1,14%	1,20%	1,17%
70 e acima	7,39%	13,77%	10,50%
Total	100%	100%	100%

A tabela acima apresenta uma diferença significativa em relação à faixa etária dos torcedores de Grêmio e Internacional. Enquanto os gremistas se concentram na faixa dos 15 aos 25 anos (51,7%), os colorados predominam na faixa dos 25 aos 40 (58,08%). E, a que se deve esta diferença senão à excelente performance do Inter na década de setenta e do Grêmio nas décadas seguintes?

A performance do time influencia a escolha do clube, e muito. Para confirmar esta afirmação, que parece contrariar a Tabela 3.5, é necessário apresentar mais uma tabela acerca da idade com que os torcedores do Grêmio e do Inter optaram por um ou outro clube.

Tabela 3.7
Faixa etária em que ocorre a escolha do “clube do coração”
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Idade(anos) \ Time	Grêmio	Inter	Total
de 0 a 5	39,45%	47,92%	43,36%
de 6 a 10	26,85%	26,52%	26,70%
de 11 a 15	12,33%	11,18%	11,80%
acima de 16	16,60%	9,58%	11,21%
não lembra	8,77%	4,79%	6,93%
Total	100%	100%	100%

Aproximadamente 70% dos torcedores do Grêmio e do Internacional entrevistados fizeram sua opção clubística antes dos 11 anos de idade, como mostra a tabela acima. A partir desta informação e considerando-se aos dados da Tabela 3.6, pode-se estimar, sem precisão estatística, evidentemente, a época em que gremistas e colorados procederam a suas respectivas escolhas. Poder-se-á então, comprovar ou não se as escolhas dependem da performance dos times pois, como já frisei anteriormente, o Inter atingiu seu auge futebolístico nos anos setenta, quando foi tricampeão brasileiro e octacampeão gaúcho; e o Grêmio, nos anos oitenta e noventa, período em que conquistou dois Campeonatos Brasileiros, duas Libertadores da América e o Mundial Interclubes.

Tomando-se como exemplo o caso de dois colorados, um de 25 e outro de 40 anos, justamente os extremos da faixa que compreende a maior densidade dos torcedores do Inter (ver Tabela 3.6), e considerando ainda que a opção clubística se dá antes dos 11 anos de idade (ver Tabela 3.7) e que a pesquisa foi realizada no ano de 1997, tem-se que: o colorado de 25 anos provavelmente fez sua opção (com 70% de chances) entre 1972 e 1982, enquanto o de 40 anos o fez, com a mesma probabilidade, entre 1957 e 1967. Se tomado, hipoteticamente, um colorado com 32 anos (entre os extremos, 25 e 40 anos, respectivamente), tem-se, pelo mesmo raciocínio, que sua opção se deu, provavelmente, entre 1965 e 1975, justamente entre a grande mobilização

colorada para a conclusão do Beira Rio, inaugurado em 1969, e a conquista do primeiro título nacional, em 1975.

Procedendo-se da mesma forma com os gremistas, tem-se que: um torcedor de 15 anos fez recentemente sua opção pelo Grêmio, provavelmente entre 1982 e 1992, e outro, com 25, o fez entre 1972 e 1982. O “torcedor hipotético”, com 20 anos, certamente teria se definido depois de 1977 e, com 70% de possibilidades, antes de 1987. À guisa de informação, 1977 corresponde ao ano em que o Grêmio foi Campeão Gaúcho quebrando um jejum de oito anos tendo, entre 1981 e 83, conquistado um Brasileiro, uma Libertadores e, o mais festejado de todos, o Mundial Interclubes.

Portanto, a performance do time influencia consideravelmente na escolha do clube. Esta influência não é direta, como mostra a Tabela 3.5, mas indireta. Ocorre que, quando a “fase do time” é “boa”, a rede de sociabilidade que vai determinar a escolha encontra-se mobilizada, indo mais vezes ao estádio, consumindo mais mercadorias e inventando as “flautas” mais intempestivas. Em outras palavras, a efervescência da “militância” gremista ou colorada depende dos resultados e acaba, indiretamente, vinculando a performance da equipe à escolha do “clube do coração”.

Em alguns casos a flauta e o desapontamento podem determinar a mudança de opção, algo pouco convencional em se tratando de pertencimento clubístico mas não totalmente improvável, como se pode observar na tabela abaixo.

Tabela 3.8.1
Mudança do pertencimento clubístico no passado
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Time \ Troca	Sim	Não	Total
Grêmio	12,05%	87,95%	100%
Internacional	5,43%	94,57%	100%
Total	9,00%	91,00%	100%

Quando perguntados se “você trocou alguma vez de time?” (Tabela 3.8.1) 91% dos entrevistados responderam negativamente. Entretanto, 12,05% dos gremistas responderam afirmativamente, um pouco mais que o dobro dos colorados, 5,43%. A tabela não especifica quando se deu a troca mas, levando-se em conta a influência da “fase do time” é bem provável que boa parte destes 12,05% de gremistas que já pertenceram a outros clubes tenham contribuído para aumentar o contingente de jovens

torcedores indicados na Tabela 3.6. É importante salientar que a pergunta é relativa a outros clubes em geral, e não só à dupla Gre-Nal.

Se “virar a casaca”, como é popularmente designada a mudança de clube, é desaconselhável, tanto mais grave é o fato de trocar o Grêmio pelo Inter, ou vice-versa. Como se aprende com o pertencimento clubístico, é preferível ser sofredor a ser infiel. De mais a mais, gremistas e colorados sabem que estão “brincando” de “montanha-russa”, como se refere Luis Fernando Veríssimo, citado na epígrafe deste capítulo. Ou seja, pouco adianta mudar de clube se de um momento para outro poderá haver uma total inversão das performances. Mudar outra vez? E quantas serão necessárias? Como justificá-las sem arranhar a credibilidade e a honradez? Por tudo isso, gremistas e colorados estão pouco propensos à mudança de opção, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 3.8.2
Mudança do pertencimento clubístico no futuro
(Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Trocaria \ Time	Grêmio	Inter	Total
Jamais	86,81%	84,24%	85,63%
Pouco provável	10,44%	12,22%	11,26%
Depende	1,37%	3,22%	2,22%
Provavelmente	1,10%	0,32%	0,74%
Certamente	0,27%	0,00%	0,15%
Total	100%	100%	100%

Os torcedores da dupla Gre-Nal, quando questionados sobre a possibilidade de trocar de time, 85,63% disseram que jamais trocariam e 11,26% afirmaram que isto seria pouco provável. O número de torcedores que aceitaram a hipótese de trocar de time é muito pequeno, pois se somadas as respostas “depende”, “provavelmente” e “certamente”, será atingido o percentual de apenas 3,11% do total.

As tabelas apresentadas até aqui revelaram muitos dados importantes sobre o perfil dos torcedores da dupla Gre-Nal, especialmente entre os porto-alegrenses. Além das diferenças em termos da faixa etária, da influência da performance das equipes na escolha do “clube do coração”, da proeminência de Grêmio e Inter sobre os demais clubes em Porto Alegre, Região Metropolitana e até no interior do Rio Grande do Sul, pode-se comprovar, quantitativamente, quem influencia na escolha do clube e que esta é feita predominantemente na infância e tende a ser perpetuada ao longo da vida adulta.

Todos estes dados são importantes e nenhum deles contraria, significativamente, afirmações ouvidas dos torcedores sobre eles mesmos.

Ocorre que as discussões entre os torcedores freqüentemente extrapolam os temas propriamente futebolísticos e avançam sobre outras esferas da sociedade. Surgem então opiniões, teses e divagações em geral, acerca do comportamento ético e estético das torcidas. Discute-se qual é a mais violenta, apaixonada, fiel e sofredora sem que ao cabo se chegue a um consenso, à exceção, talvez, de que “o Inter é o clube do povo do Rio Grande do Sul”. Os colorados se orgulham disso enquanto aos gremistas, resignados, resta a flauta; talvez seja o inverso, é difícil precisar. Seja como for, diz-se que o Inter é o clube do povo e o Grêmio da elite. Mas a Tabela 3.10 não corrobora, do ponto de vista estatístico, o consenso generalizado.

Tabela 3.9
Preferência clubística e classe social
 (Fonte: Pesquisa de Marketing Aplicado)

Classe Social \ Time	Grêmio	Inter	Total
A	6,65%	6,41%	6,54%
B	41,00%	41,67%	41,31%
C	37,67%	39,10%	38,34%
D	11,08%	8,65%	9,96%
E	3,60%	4,17%	3,86%
Total	100%	100%	100%

Segundo o próprio relatório final da Pesquisa de Marketing Aplicado,

As duas torcidas estão divididas igualmente entre as classes sociais, não existindo diferença significativa. Estes dados contrariam uma certa crença existente de que a torcida colorada se concentra mais nas classes baixas (D e E), e a torcida gremista mais nas classes altas (A e B).

Se a tendência à distribuição equânime de gremistas e colorados entre os diferentes segmentos sociais contraria “a crença existente”, deve-se buscar uma explicação para tal discrepância.³⁹ Antes de supor um equívoco da sabedoria popular convém questionar até que ponto esta distinção elite/povo tem a ver com a percepção sociológica dos torcedores. Creio se tratar de uma diferença forjada pelos próprios torcedores num

³⁹ Os dados se referem ao perfil dos porto-alegrenses, mas não existe razão para acreditar que, na Grande Porto Alegre ou no interior do Rio Grande do Sul, esta tendência venha a ser alterada.

determinado período histórico, de maneira que a percepção sócio-antropológica foi determinante, e sendo constantemente atualizada, inclusive no presente, como um traço diacrítico constitutivo do “ser gremista” e do “ser colorado”. Sendo assim, resta-me explicitar em que período, como e por quem a diferença foi instituída e como vem sendo atualizada. Os subcapítulos seguintes não se limitam à explicitação destas questões, embora elas sejam o pano de fundo.

3.2. A cidade polarizada

3.2.1. A chegada dos *meetings* e *clubs* a Porto Alegre

No início do século XX, Porto Alegre contava com uma população de aproximadamente 73.000 habitantes (Anuário Estatístico do Brasil 1930/40) e uma razoável infra-estrutura para a prática esportiva. A corrida de cavalos, diversão predileta dos gaúchos campeiros, era praticada, simultaneamente, em vários pontos da cidade e desde os tempos mais remotos.

As corridas de cavalos eram para o rio-grandense a diversão mais apreciada antes da “importação” do futebol. Era a cancha reta que, com o bolicho e a tava (jogo do osso), formavam o núcleo básico onde o gaúcho gastava o seu tempo livre, na vizinhança da cidade, na vila e no cruzamento da estrada (Macedo, 1982:58).

Tais corridas, também chamadas de “carreiras em cancha reta”, foram perdendo espaço e interesse quando surgiram os primeiros hipódromos na capital, a partir das duas últimas décadas do século passado. Com o impulso da elite nativa, os hipódromos se proliferaram com tamanha rapidez que Franco (1992) afirma ter ocorrido, na década de noventa, “o auge do turfe porto-alegrense”.⁴⁰

⁴⁰ Eram quatro os prados porto-alegrenses na virada do século: o Prado Boa Vista, 1880-1907, ficava no atual bairro Santana; o Rio-Grandense, 1881 -1909, no Menino Deus; o Prado Navegantes, 1891-1906, no bairro homônimo; e o Prado Independência, fundado em 1894, onde atualmente encontra-se o Parque Moinhos de Vento. O Prado da Independência monopolizou a turfe porto-alegrense a partir de 1909, tendo-se transformado em Associação Protetora do Turf e, mais tarde, no Jockey Club do Rio Grande do Sul. As razões para a decadência do turfe constituem uma incógnita até mesmo para o historiador porto-alegrense Sérgio da Costa Franco (1988:207-10). Coincidência ou não, a decadência do turfe e também do ciclismo ocorreram paralelamente à ascensão do futebol, o que não implica que o público tenha, simplesmente, migrado de um esporte para outro. De qualquer forma, tanto o turfe quanto o ciclismo foram muito populares em Porto Alegre, tendo o primeiro se “elitizado” consideravelmente e o segundo praticamente desaparecido ao longo do tempo.

De outra parte havia o ciclismo, o remo, a ginástica e outras modalidades menos cotadas como o bolão e o tiro. A disseminação destas práticas era obra dos imigrantes alemães, chegados ao Rio Grande do Sul a partir de 1824. Segundo Hofmeister (1978), “a introdução do esporte do remo no Rio Grande do Sul deveu-se à iniciativa eminentemente germânica” (:11). Antes mesmo da fundação do Ruder-Club Porto Alegre (*ruder* é remo em alemão), já eram praticadas regatas nas águas do Guaíba, como em 1865, quando foi realizada a “Regata Imperial” - vencida pela “guarnição dos hamburgueses” - para homenagear a passagem do Imperador Pedro II em Porto Alegre (idem). A ginástica e seus “quatro efes”, *frisch* (saudável), *fromm* (devoto), *froh* (alegre) e *frei* (livre), também foi introduzida no Estado pelos teutos e o mesmo se passou com o ciclismo (Oliveira, 1996:158-64).

Já o futebol, antes de 1903, era completamente desconhecido dos porto-alegrenses e até mesmo dos teuto-gaúchos. Ao contrário da capital, existiam na cidade de Rio Grande, neste mesmo ano, pelo menos cinco clubes que se dedicavam ao esporte bretão. O impulso inicial fora dado, em 19 de julho de 1900, por um grupo liderado por ingleses e alemães que, sob o pretexto de homenagear o aniversariante Johannes Moritz, fundaram o Sport Club Rio Grande, atualmente o mais antigo clube de futebol em atividade no Brasil (Dienstmann, 1987:51-2).

Desde sua fundação, o Rio Grande realizara várias exibições de *foot-ball* em outras cidades, como Pelotas e Bagé. Como era de praxe, em cada cidade por onde passasse o Rio Grande fundava-se imediatamente um novo clube e, sendo assim, o futebol se disseminava rapidamente na região sul do estado, especialmente na fronteira que contava também com a influência dos uruguaios, pois o futebol havia chegado àquele país havia três décadas, mais precisamente, em 1870.

Faltava Porto Alegre e, provavelmente, um “Charles Miller” ou um “Oscar Cox”, responsáveis pela introdução do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente. Em 1903 surgiu, enfim, Oscar Canteiro. Passando por Rio Grande, em seu regresso da Capital Federal, aceitou a incumbência dos diretores do clube daquela cidade para organizar um *meeting* em Porto Alegre. Impressionado com o frenesi causado pelo futebol no Rio de Janeiro e tendo bom trânsito no turfe, no ciclismo e no remo, não foi difícil a Oscar Canteiro organizar a recepção. O primeiro procedimento foi visitar o jornal Correio do Povo para divulgar o evento e convocar os presidentes dos principais clubes da capital para compor a Comissão Organizadora. Foi prontamente atendido por Alberto Bins, representante do Ruder-Clube Porto Alegre; João Krahe, da

Sociedade Germânia; Capitão Gaspar Frois, do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré; Capitão Amadeu Massot, da União Velocipédica; Otto Niemeyer, da Rodforvier Verein Blitz; e J. Mink, da Sociedade Turnerbund, que, em conjunto com o próprio Oscar Canteiro, delegado do S. C. Rio Grande, compuseram a referida Comissão (Almanaque Esportivo do RS, 1944).

Depois de organizado o cerimonial, marcado para o dia 7 de setembro, foram distribuídos nos principais pontos comerciais da capital boletins com o roteiro do evento, estampado também no Correio do Povo.

No domingo, 6 de setembro de 1903, a população amanheceu num ambiente de grande alegria e curiosidade. É que deveria chegar a Porto Alegre a caravana do Sport Club Rio Grande, portadora de conhecimentos esportivos que vinham servindo de tema a todas as palestras. Às 7 horas da manhã, partiu do trapiche do Lloyd Brasileiro os vapores Porto Alegre e Garibaldi, transportando grande massa popular que desejava homenagear a embaixada visitante. Na lancha “Nenê” embarcou a Comissão dirigente e um grupo de senhoritas da nossa melhor sociedade, encarregadas de presentear as senhoritas e senhoras que acompanhavam a missão riograndina com lindos bouquets e corbeilles de flores naturais. Duas horas depois, na altura de Pedras Brancas, foi avistado o vapor “Aimoré” que transportava os excursionistas. O navio vinha embandeirado em arco e logo que foi visto do Porto Alegre e do Garibaldi soltaram foguetes e rojões, enquanto bandas de música executavam festivas marchas. Pouco depois, defronte ao Cristal, o “Aimoré” parou para receber a visita da polícia marítima e das autoridades alfandegárias, ocasião em que pessoas que iam na lancha “Nenê”, passaram-se também para seu bordo, onde foram recebidos com champanhe e discursos.

(...) Enorme multidão se acotovelava nas proximidades da Praça XV de Novembro. No edifício Malakoff, o maior da cidade, em todas as casas vizinhas e nos torreões do Mercado, centenas de pessoas se debruçavam às janelas para apreciar melhor os festejos da recepção. Do local do desembarque até muito além, achavam-se postados, formando alas, um grande número de ciclistas, ginastas, remadores, etc, todos uniformizados. Quando o “Aimoré” atracou, uma uníssona salva de palmas partiu da multidão.

(...) Puxado por uma banda de música da Brigada Militar, o cortejo partiu, contornando a Praça XV e subindo a Rua Marechal Floriano, onde, ao passar defronte à sede da Associação dos Empregados do Comércio, senhoritas das janelas cobriam os visitantes com pétalas de rosas. Depois, a marcha seguiu pela Rua dos Andradas, até a Rua 7 de Setembro, onde deveria ser dissolvida defronte a sede do Clube do Comércio, depois do pronunciamento do orador oficial das sociedades esportivas de Porto Alegre, Caldas Jr., [também diretor do Correio do Povo] (Amaro Jr., in: Almanaque Esportivo do RS, 1944).

Os chefes da delegação de Rio Grande almoçaram ali mesmo, no Clube do Comércio, em parceria da Comissão Organizadora. Os demais visitantes seguiram para o Hotel Brasil. Às 14 horas, encontraram-se todos para a inauguração do recém fundado Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Mais discursos, champanhe e cinco pares de regatas em “honra aos visitantes”. À noite, no Teatro São Pedro, a Sociedade Luso-Brasileira ofereceu um espetáculo de gala: “O Grito da Consciência”. À meia noite, a peça ainda estava na metade quando foi interrompida pelo Tenente-Coronel Aurélio de Bittencourt que, de um camarote de primeira classe, “deu vivas à independência”. Quem não foi ao São Pedro pôde assistir a uma demonstração nas barras e trapézios dos ginastas da Turnerbund.

No dia seguinte, feriado de 7 de setembro, pontualmente às 9 horas da manhã, os *players* de Rio Grande juntaram-se a uma banda de música na sede da União Velocipédica - que mais tarde cederia espaço ao antigo Instituto Parobé - e seguiram até a Várzea da Redenção - mais ou menos onde atualmente encontra-se o Instituto de Educação Flores da Cunha - onde o primeiro *macht* foi realizado. Jogaram durante duas horas para o deleite dos porto-alegrenses, hilariados com o tal de *foot-ball*. Não marcaram nenhum gol e, à tarde, depois de presenciarem alguns páreos ciclísticos, retornaram à Várzea para mais uma apresentação que, segundo o Correio do Povo (8/9/1903), contou com um público em torno de 5.000 pessoas. Na multidão encontravam-se muitas famílias da alta sociedade que se fizeram conduzir ao local em suas carruagens descobertas para melhor apreciar o espetáculo. As festividades encerraram-se com um baile na Sociedade Germânia e, na tarde do dia seguinte, a “Embaixada” do S. C. Rio Grande retornou a sua cidade. Estava dado o pontapé inicial do futebol em Porto Alegre.

Fica evidente, a partir das festividades que marcaram a chegada do futebol na cidade, que Porto Alegre já dispunha de uma razoável organização e infra-estrutura na esfera do lazer e dos esportes. Está claro também que os ideais associacionistas e a própria noção de pertencimento clubístico já estavam amplamente disseminados, como se pode inferir pela mobilização das entidades que organizaram a recepção e dos dirigentes, atletas e público em geral que participaram dos festejos. O fato de constarem, entre os delegados locais, vários dirigentes que mais tarde teriam participação efetiva na vida política da cidade, como é o caso de Alberto Bins - sócio-fundador do Ruder-Club Porto Alegre, da Blitz, do Fuss-Ball e, mais tarde, prefeito da cidade -, revela o status das instituições que representavam. E estas, por seu turno,

deixam transparecer, no próprio nome, a forte influência germânica na inculcação do *habitus* esportivo entre os porto-alegrenses. A Rodforvier Verein Blitz, a Turnerbund e a Sociedade Germânia eram apenas algumas das muitas “sociedades” forjadas por teuto-brasileiros que contribuíram para a incrementação dos esportes em geral e, a partir de 1903, do futebol em especial (cf. tb. Silveira, s/d: 636-47).

O fato de ter sido um clube de Rio Grande o difusor do futebol na capital e em outras cidades do interior não implica que, diferentemente do que ocorreu no centro do país e em outras partes do mundo, aqui no sul o futebol tenha se desenvolvido da periferia para o centro. Ocorre que, entre os *players* rio-grandinos, a esmagadora maioria era de origem inglesa ou alemã.⁴¹ Ou seja, a introdução do futebol em Porto Alegre contou com a influência decisiva de imigrantes europeus, a quem, via de regra, era imputado este papel.

Talvez a popularidade do turfe e do ciclismo tenham contribuído para ofuscar, em parte, a rápida expansão do futebol na cidade. O certo é que, nos anos seguintes, constam apenas os *matches* disputados entre o Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre e o Fuss-Ball Club Porto Alegre. Os co-irmãos foram fundados no mesmo dia, mais precisamente em 15 de setembro de 1903, uma semana após a passagem da delegação de Rio Grande.

Segundo Amaro Jr. (in: Almanaque Esportivo do RS, 1944), o Fuss-Ball (futebol em alemão) foi fundado por um grupo de ciclistas da Rodforvier Verein Blitz, ou simplesmente, Sociedade Blitz, e contou, desde logo, com um *ground* na Dr. Timóteo. Já o Grêmio, na versão aceita oficialmente pelo próprio clube (História do Grêmio, nº 1), foi gestado numa “república” na Rua Dr. Flores. Lá moravam vários jovens empregados do comércio, entre os quais Cândido Dias, um paulista que possuía, entre seus pertences, uma bola. No domingo, dia 13, realizaram um *picnic* na Glória - o arrabalde foi escolhido propositadamente pois os jovens entusiastas do *foot-ball* não

⁴¹ É o que se pode deduzir observando a composição dos quadros rio-grandinos que participaram da tal exibição em Porto Alegre. A equipe “Cores” formou com: C. Bornhorst, R. Heidtmann, F. Dietiiker, M Bornhorst, A. C. Lawson, L. Timm, G. Pook Junior, H. Minemann, O. Schmidt, E Storni e C. Wigg. Os “Branco” tinham: R. Volckers, A. Legeren, O. Robinson, A. Bowen, A. Müller, C. Míeehele, R. A Rabe, A. F. Algayer e C. Cramer (Almanaque Esportivo do RS, 1944). A inscrição do prenome antes do sobrenome dos jogadores do S. C. Rio Grande não é mero casuismo. Trata-se, segundo Leite Lopes (1995), de um “critério simbólico” instituído pelos clubes ingleses de *cricket* para diferenciar os amadores dos profissionais - que grafavam o prenome depois do sobrenome - e, por extensão, a elite do proletariado (cf. tb. Cap. I desta dissertação). Uma rápida consulta no “Correio do Povo” e na “História do Grêmio” (nº 1) indica que os prenomes precederam os sobrenomes até os anos 10. Nos anos seguintes, o que se observa é a simples supressão do prenome. Os “apelidos”, tão freqüentes na atualidade, surgiram lentamente ao longo das décadas de dez, vinte e trinta, quando os clubes passaram a admitir jogadores oriundos das classes trabalhadoras.

dispunham da indumentária adequada e, sendo assim, tiveram de utilizar “trajes menores” - e dois dias depois, já com uma lista de 32 sócios, fundaram o Grêmio.

Meses depois, os dirigentes do Grêmio e do Fuss-Ball entrariam em acordo para aquele que seria o primeiro jogo oficial entre os porto-alegrenses. O *match* foi disputado no *field* do Fuss-Ball, ao lado do Velódromo da Blitz, na Dr. Timóteo, valendo o troféu Wanderpreis, muito cobiçado entre os clubes de remo e mais tarde extensivo ao futebol. A programação, distribuída nos primeiros dias de março de 1904, foi impressa em duas colunas: uma redigida em português e a outra em alemão (História do Grêmio, nº 1).⁴²

A conotação germânica do evento, expressa na programação bilingüe, revela, mais uma vez, a forte influência destes imigrantes na propagação dos esportes coletivos. Além da “tradição associacionista” - segundo o historiador René Gertz, *um traço característico da comunidade teuto-brasileira*⁴³ -, outros fatores, como a rápida ascensão econômica e a proximidade geográfica em relação à Capital, contribuíram, direta ou indiretamente, para que os teuto-gaúchos se tornassem os principais difusores do *habitus* esportivo em Porto Alegre. Por fim, a comunicação permanente com a pátria-mãe mantinha-os atualizados em relação ao que de novo estava ocorrendo na Europa. Neste particular, a imigração alemã no Rio Grande do Sul difere, substancialmente, da italiana, ocorrida mais tardiamente e para a zona rural, e da açoriana, chegada muito antes dos esportes terem se popularizado na Europa.

Poder-se-ia acrescentar ainda, segundo Pesavento (1994), a inserção dos alemães e seus descendentes no

binômio modernização-modernidade (...) como agentes de um processo de transformação econômico-social capitalista, expresso no desenvolvimento do grande comércio, da indústria, dos bancos, da renovação urbana. Executores de um processo de modernização, os alemães propiciaram as condições para que a experiência histórica da modernidade se generalizasse e se difundisse entre os consumidores

⁴² Naquela ocasião, foram realizados dois *matches*; o primeiro denominado Wanderpreis e o segundo Vereinpreiss. Para o Wanderpreis o Fuss-Ball formou com: R. Schoeler (capitão), O. Matte, A. Matte, W. Trein, O. Schmidt, O. Schaitza, A. Becker, O. Becker, O. Heuser, T. Kraemer e E. Becker. E o Grêmio jogou com: O. Siebel (capitão), A. Knewitz, C. Faedrich, G. Uhrig, P. Huch, A. Seibel, A. Schwarz, A. Cattaneo, P. Cleres, J. Knewitz e J. Stelczyk. Reproduzir os times que disputaram, na seqüência, o Vereinpreiss, seria um preciosismo, à medida que os sobrenomes seguem indicando a proeminência de teuto-brasileiros. É interessante notar, na mesma linha do que foi dito na nota anterior, que os capitães eram escolhidos não de acordo com a supremacia técnica mas segundo a influência política. Por esta razão O. Siebel, no Wanderpreis, e A. Koch, no Vereinpreiss, foram designados capitães do Grêmio. O primeiro era, na época, o presidente do clube e o segundo, vice.

⁴³ Para diferenciar os depoimentos orais das fontes escritas, os primeiros serão grafados em itálico enquanto os segundos virão acompanhados de aspas.

Auf (Equipe Sempre Avante), extinto Departamento de Futebol da Turnerbund (atual Sogipa).

Aliás, o Frisch Auf fora criado em 1909 pelo “professor” Jorge Black, um ex-atleta gremista. Este fato releva, por si só, uma certa influência exercida pelo Grêmio desde que o futebol passou a ser praticado em Porto Alegre e, verdade seja dita, até 1909 pouca coisa havia mudado. O Grêmio, por exemplo, jogara ao todo 19 partidas, 17 delas contra o Fuss-Ball. A rotina dos Wanderpreis e Vereinpreis, disputados entre os co-irmãos, só seria quebrada no ano de 1910, com a fundação da primeira Liga Porto Alegrense de Futebol; iniciativa dos dirigentes do Grêmio, é claro.

Ocorre que, no ano anterior, segundo expressão bem humorada de Túlio de Rose (Folha da Tarde, 15/6/67), começaram a surgir clubes de futebol como “cogumelos em manhã de outono”. Além do Frisch Auf, surgiram o Militar, o Sete de Setembro, o Nacional e, o mais prestigiado de todos, o Sport Club Internacional.

A fundação destes clubes deu novo alento ao futebol porto-alegrense. Tanto é verdade que os gremistas aceitaram de “bom grado” o convite para estreiar, oficialmente, o *team* colorado. Só não concordaram em deixar que os jovens desafiantes patrocinassem o coquetel comemorativo; não era justo comprometer a receita do novo clube e, além do mais, por uma questão de honra, caberia aos gremistas retribuir o prestigioso convite bancando a conta (Coimbra & Noronha, 1994:8-10).

Tanta generosidade de ambas as partes põe algumas interrogações aos inúmeros “mitos de origem” veiculados pelos colorados acerca dos motivos pelos quais foi fundado o Internacional. Via de regra, todos se referem ao Inter como um “clube do povo” e, para justificar este predicativo, criam narrativas em que a imagem do Grêmio aparece, invariavelmente, associada a uma elite segregadora. Já ao Inter atribuem-se uma série de conotações “populares” e de “massa” que, embora procedentes, só haveriam de se configurar nas décadas de trinta e quarenta. Em resumo, nem o Inter e muito menos o Grêmio foram forjados a partir da “mobilização popular” mas, de acordo com o contexto futebolístico da época, ambos são tributários de pessoas e grupos que, competindo entre si, buscavam se afirmar dentro de um mesmo universo sócio-cultural.

Dentre as tantas versões veiculadas pelos colorados, uma em particular exemplifica a importância e a licenciosidade narrativa em torno do “mito de origem”. A primeira vez que ouvi um colorado justificar seu apreço ao “clube do coração” em razão do próprio nome - “Internacional” - e das cores - especialmente a vermelha - com

as quais o Inter é identificado, tratei logo de investigar se, de fato, este clube teria algum vínculo com a “Internacional Socialista”, como me havia sido assegurado.⁴⁵ Havia certa coerência nesta e noutras tantas justificativas ouvidas de torcedores colorados e, simultaneamente, militantes ou simpatizantes de partidos de esquerda. Afinal, os Poppe, que tomaram a iniciativa de fundar o Inter eram descendentes de italianos, trabalhavam no comércio e vinham de São Paulo; em outras palavras, eram potencialmente militantes socialistas ou, quem sabe, anarquistas. Além do mais, o Inter, mais jovem e modesto, contrariamente ao elitista e conservador Grêmio, sempre foi considerado “clube do povo”.

De acordo com a versão oficial veiculada pelo próprio Inter (Beira Rio: 25 Anos, 1994), o clube foi criado por um grupo não superior a 40 pessoas, sem referência a qualquer vínculo político-partidário individual ou coletivo. Muitos dos que assinaram a ata de fundação da *novel* associação, em 4 de abril de 1909, compareceram, no domingo seguinte, à casa de José Leopoldo Seferin, na Avenida Redenção - que em breve se chamaria João Pessoa - para proceder à escolha do nome e das cores do novo clube. O nome foi sugerido pelos irmãos Poppe - José, Luiz e Henrique - chegados de São Paulo no ano anterior para trabalhar no comércio porto-alegrense: Internacional⁴⁶ era o nome do clube onde os Poppe jogavam futebol em São Paulo que, por seu turno, se parecia com um grande clube de Milão, na Itália, o Internazionale; cidade de onde emigrara o pai dos Poppe. Eles também queriam que as cores fossem vermelha, preta e branca, alusivas à bandeira de São Paulo; o que seria um exagero, em se tratando de um clube com pretensões de conquistar os gaúchos. Prevaleceu, então, o vermelho e branco, da Sociedade Veneziana, uma entidade carnavalesca de notável prestígio na cidade e que, na referida reunião, contava com mais simpatizantes que a co-irmã, a Sociedade Esmeralda, identificada com o verde e branco.

Os irmãos Poppe realmente foram barrados no Grêmio, por razões bem compreensíveis se levarmos em conta o processo de admissão de novos sócios na época. Como outros clubes de natureza associativa e, como tal, imbuídos na preservação da identidade entre seus membros, os gremistas usavam critérios rígidos

⁴⁵ “ (...) Não sei como começou esta atração pelo Inter. Talvez tenham sido as cores da bandeira, vermelha e branca. Ou o nome Internacional, que tanto significado tem para todos nós. O certo é que desde aquele tempo gostoso das peladas em São Luiz [Gonzaga] eu acompanho o Internacional, mais pelo rádio e jornal do que no campo, como gostaria”. (Olivio Dutra (PT), prefeito de Porto Alegre 1989-93 e conselheiro do Inter em depoimento a Revista do Sport Club Internacional, 1989:43).

⁴⁶ Sport Club Internacional, cisão do Germânia, já referido no Cap. II.

para admitir novos associados. Os neófitos necessitavam de uma espécie de “ficha corrida” que atestasse a boa índole dos mesmos e, para tanto, dependiam da indicação de sócios mais antigos. Assim, antes de participar da sociabilidade no interior dos clubes, um indivíduo deveria, obrigatoriamente, ingressar em redes paralelas a fim de viabilizar seu projeto. Os Poppe, recém chegados a Porto Alegre, “não tinham nenhuma indicação nem conhecidos ilustres na cidade” e, portanto, não foram aceitos pelo “melhor *team* da Capital” (Coimbra & Noronha:8).

Seja como for, narrativas que aproximam o Sport Club Internacional da Internacional Socialista e do “povão” são constantemente evocadas e reelaboradas. Pouco importa se existe uma espécie de desconsideração histórica, no caso dos militantes de esquerda, ou uma apreensão parcial da realidade social, por parte dos que acreditam ser o Inter o clube dos negros, dos grupos populares, enfim, dos excluídos em geral. Interessa, isto sim, notar como os clubes são constantemente recriados e lapidados no imaginário dos próprios torcedores visando adequar a predileção clubística a outros valores nem sempre compatíveis.

Qualquer que tenha sido a origem do Inter, o certo é que seus idealizadores se propuseram, desde logo, a desafiar o Grêmio. Isto fica claro numa célebre frase de Carlos Kluwe - médico, pecuarista e atleta colorado - proferida dois anos depois da fundação do Inter e logo após o clube ter sofrido sua segunda goleada “histórica” em grenais: “só deixo essa coisa de futebol depois de uma vitória sobre o tal de Grêmio” (Coimbra & Noronha:17). Questão de honra para os colorados; bom para os gremistas que, enfim, encontravam um contendor arrojado, e ainda melhor para o futebol porto-alegrense. Gre-Nal ainda não era Gre-Nal, mas a rivalidade que se iniciava, algo fundamental em se tratando de futebol, foi um marco importante para o desenvolvimento deste esporte, mais até do que a Liga Porto-Alegrense de Foot-Ball, fundada em 1910. Ocorre que, neste mesmo ano, registrou-se o “primeiro sururu em campos de futebol da cidade” e, como não poderia ser diferente, tudo teve início quando Volksmann, do Internacional, agrediu Booth, do Grêmio (História do Grêmio, nº 2:4). O futebol deixava, paulatinamente, de ser um simples atestado de que a modernidade havia chegado a Porto Alegre para se incorporar ao cotidiano de seus habitantes.

3.2.2. Itinerários das paixões

No início do século, o Moinhos de Vento ainda não era o metro quadrado mais valorizado da capital, os moinhos que deram origem ao nome do bairro já haviam sido demolidos - ainda em 1836, segundo Macedo (1973:195) - e o bairro só receberia a atual designação depois de 1910. Entretanto, o final da Mostardeiro, que na época se chamava Schetzverein Platz, já era um dos locais preferidos para os *picnics* da elite porto-alegrense. Cenário bucólico, não tão distante do centro da cidade, no *ground* da Baixada estava situado o Prado Independência, onde era realizada a Protetora do Turfe - principal evento hípico da cidade - e o Schetzverein, ou Tiro Alemão, atualmente Clube dos Caixeiros Viajantes.

Augusto Koch, sócio-fundador e presidente honorário, não apenas pensava que o Grêmio, como um clube distinto, deveria ter sede própria, mas também, que a Baixada era o local apropriado. O Major Koch, freqüentador das “melhores rodas”, não teve grandes dificuldades para juntar os dez contos de réis exigidos pela família Mostardeiro, proprietária do terreno. Assim, menos de um ano após sua fundação, o Grêmio já tinha “casa própria” e, de certa forma, um considerável patrimônio. Nem tanto pelo *field*, nem pela cerca que impedia o gado de disputar o espaço com os *players* e tampouco pela “borboleta” que disciplinava a entrada dos associados. Isso tudo, incluindo o “pavilhão social”, construído para as autoridades, causava boa impressão, com ares de ordem e progresso. Porém, o mais importante, aquilo que tornava o Grêmio um clube respeitável, era o status daqueles que cruzavam a borboleta e, principalmente, dos que tinham acesso ao pequeno pavilhão. Dr. José Montauray, intendente municipal e apaixonado pelo ciclismo, era apenas um dos tantos notáveis presentes na inauguração da Baixada (Revista do Grêmio, nº 1).

Já o Internacional, desde sempre autoproclamado “clube do povo”, não era propriamente aberto a adesões indiscriminadas, embora seus critérios fossem menos rígidos que aqueles praticados na Baixada. Pequenos comerciantes, comerciários, funcionários públicos e estudantes em geral, via de regra, ainda jovens e, portanto, em busca de afirmação social, compunham a base dos freqüentadores do clube. O Capitão Graciliano Ortiz, por exemplo, sogro de um dos Poppe - “eleito presidente honorário por ser o de mais idade entre os colorados” (Beira Rio - 25 Anos, 1994:5) -, era diretor

do Departamento Municipal de Limpeza Pública. Podia ocupar uma posição prestigiosa entre os jovens colorados e ser respeitado pelos seus comandados no serviço público mas nada que se pudesse comparar ao Major Koch, presidente-honorário do Grêmio.

Estas pequenas diferenças, desaparecidas mais tarde e atualmente irrelevantes à medida que tanto o Inter quanto o Grêmio contam com representantes “ilustres” em seus conselhos deliberativos - espécie de parlamento dos clubes -, é mais notória se tomarmos como parâmetro comparativo o patrimônio das agremiações. O resultado do primeiro Gre-Nal, vencido pelo Grêmio por 10 a 0, pode ser creditado ao fato do Internacional estar iniciando suas atividades futebolísticas enquanto o “outro” já era uma instituição “tradicional”, mas revela também, com certo exagero, é verdade, a distância entre a bucólica baixada da Mostardeiro e o alagadiço terreno da Rua Arlindo - atual Praça Sport Club Internacional -, na Azenha, onde os colorados realizaram seus preparativos para o *match* inaugural.

Além dos transbordamentos esporádicos do Arroio Dilúvio, no inverno frio e chuvoso, o campo improvisado em local cedido pela prefeitura - graças à intervenção de Graciliano Ortiz - passava boa parte do tempo impróprio à prática do futebol. Assim, os colorados passaram a treinar na Volta do Cordeiro, mais ou menos onde está o Hospital de Pronto Socorro atualmente. As goleiras, de madeira, tinham de ser removidas após os treinos e guardadas no armazém do Sr. Cordeiro; do contrário seriam queimadas juntamente com outros entulhos pelos indigentes (Coimbra & Noronha:9).

Tamanhas atribulações parecem ter diminuído em 1912, quando o então presidente, Júlio Seelig, alugou um terreno na Chácara dos Eucaliptos - área atualmente ocupada pela Secretaria de Agricultura do Estado. Na tal chácara não existiam problemas com as cheias e o fim da linha do bonde Menino Deus facilitava o acesso dos torcedores. Ainda assim, estava aquém do Fortim da Baixada. Pior mesmo para os colorados seria perder aquele espaço; se as arquibancadas pregadas nos eucaliptos indicavam que o Inter era um clube humilde, atestavam também que ele era freqüentado por um bom número de torcedores e, sendo assim, com grandes possibilidades de expansão.

De qualquer modo, antes de consolidar sua primeira “casa própria”, o Estádio dos Eucaliptos, na Rua Silveiro, o Inter esteve, em pelo menos duas oportunidades, à beira da extinção. A primeira, em 1911, antes de alugar a Chácara dos Eucaliptos, o Inter sofreria sua terceira goleada diante do Grêmio, 10 a 1, com gol de “charles” de Edwin Cox - irmão de Oscar, o que fundou o Fluminense no Rio de Janeiro. Foi depois

desta partida que Carlos Kluwe sentenciou aquela frase referida anteriormente - “só deixo essa coisa de futebol quando (...)” - e, graças à sua persistência e de outros associados, o Inter perseverou. Quatro anos mais tarde, pela decisão do campeonato metropolitano, o Inter bateu o Grêmio por 4 a 1 e conquistou seu primeiro título: “Está quebrado o lacre! Está quebrado o lacre! Demorou seis anos!” berrava Antenor Lemos”, então presidente colorado (Coimbra & Noronha:23).

Quando surgiu a segunda crise, em 1928, o Inter já havia conquistado, inclusive, seu primeiro título regional, o campeonato Gaúcho de 1927.⁴⁷ Desde o início do século, o futebol porto-alegrense já havia sofrido inúmeras modificações. Já se cobrava ingresso nos estádios, disputava-se um certame regional e amistosos com equipes de outros estados e do exterior, ampliava-se o espaço do futebol na imprensa, discutiam-se os problemas acarretados pelo “profissionalismo marrom” e, de mais a mais, Grêmio *versus* Internacional já era Gre-Nal.⁴⁸ A supremacia gremista, contudo, permanecia inabalável; embora, vez por outra, perdesse um campeonato metropolitano ou regional.

Neste contexto, o Internacional necessitava de atitudes mais ousadas indispensáveis a sua própria sobrevivência, entre elas, a conquista de um espaço próprio. Quando os gestores do Asilo da Providência anunciaram a venda do local onde estava situada a Chácara dos Eucaliptos, houve calorosas discussões entre os dirigentes colorados, culminando com a deserção de alguns deles. Antenor Lemos, pelotense e maragato, que havia presidido o clube em cinco oportunidades, manifestou-se contrário à aquisição do terreno; 40 mil contos era um absurdo. O jornalista esportivo Arquimedes Fortini também achou o valor excessivo mas tranqüilizou-se quando lhe asseguraram que o Inter teria a preferência de compra. Mobilizou o apoio dos Chaves Barcellos, dispostos a emprestar a quantia exigida pelo Asilo da Providência sem prazo para ressarcimento, mas não convenceu a turma do fanático Antenor Lemos. Para este ortodoxo defensor do amadorismo, o Internacional deveria “sobreviver de conquistas esportivas, não de glórias materiais” (Coimbra & Noronha:36).

⁴⁷ “Aquele primeiro título gaúcho, porém, não ajuda o Inter a se orgulhar do seu divulgado liberalismo. Durante décadas ele foi chamado, por exemplo, de “clube dos negrinhos”. Os campeões de 1927, porém, eram todos brancos” (Dienstmann, 1987:25).

⁴⁸ Como no Rio de Janeiro já havia se popularizado o Fla-Flu, Flamengo *versus* Fluminense, o jornalista Ivo dos Santos Martins pensou em fazer o mesmo em relação à dupla porto-alegrense. “Inicialmente, propôs Inter-Gre, mas, como bom gremista, não queria colocar o Internacional na frente. Decidiu então por Gre-Nal. Escreveu a palavra várias vezes na mesa do Café Colombo e pediu aos amigos que ajudassem a divulgá-la. Não publicou a nova expressão no Correio do Povo, onde era redator de esportes, por temer que o secretário de redação, colorado, a proibisse. (...) A divulgação deu resultado e aos poucos, os torcedores foram assimilando o termo, até que, em 1933, quando Martins já havia abandonado o jornalismo, o Correio estampou “o ‘Gre-Nal’” (Coimbra & Noronha:32).

Com argumentos desta natureza, muitos clubes acabaram extintos assim que o profissionalismo foi efetivado, e o Inter por pouco não foi um deles.

Sem sede, sem campo, o Internacional foi arrefecendo até tornar-se moribundo. Foi então que surgiu a mão do salvador. O jovem engenheiro Ildo Meneghetti [descendente de italianos e mais tarde governador do Estado] suprimiu horas de trabalho da Dahne, Conceição & Cia, da qual era funcionário, e liderou uma vigorosa campanha de arrecadação de fundos a fim de construir um novo estádio para o Colorado. Com a venda de bônus no valor de 500 mil réis, Meneghetti levantou a importância suficiente para construir o Estádio dos Eucaliptos, na rua Silveiro, em 1931 (Coimbra & Noronha:36).

O Gre-Nal inaugural do Eucaliptos, vencido pelo Inter, criou uma expectativa que não haveria de se confirmar, pois o Grêmio permaneceria soberano durante a década de trinta. Independente dos resultados dentro de campo, o novo estádio mexeu com o sentimento dos torcedores de ambos os lados. Enquanto os gremistas inauguravam, quatro meses depois, os refletores da Baixada - “uma novidade até na esfera nacional” (História do Grêmio, nº 3) - os colorados se orgulhavam, pois sua “casa” era capaz de abrigar mais público do que a rival. Mais que isto, o Eucaliptos representava um marco na história colorada, como desabafa Carlos Lopes dos Santos:

Uma agremiação, um rico patrimônio e uma diretoria. Assim passou a se apresentar o Internacional no cenário esportivo do Brasil. Um presidente, Ildo Meneghetti (...).

Que consolo foi se ter a certeza de que o destino do Internacional havia se materializado com a construção do Eucaliptos, à rua Silveiro, em pleno arrabalde do Menino Deus! (Santos, 1975:62-3)

Finalmente, depois de vários percalços, o Inter se constituía numa agremiação; tinha “um presidente”, “um rico patrimônio” e em breve um grande time do qual ainda hoje os colorados se orgulham: o “Rolo Compressor”. Por vários motivos que precisam ser explicitados, o “velho Estádio dos Eucaliptos” traz boas recordações aos colorados, especialmente aos mais antigos. Ocorre que o Eucaliptos foi o palco do Rolo Compressor; um time que, além das indiscutíveis qualidades técnicas, tinha vários negros no elenco.

Se, até os anos trinta, a rivalidade patrimonial favorecera ao Grêmio, assim como os resultados de campo o faziam, com o Eucaliptos, o Inter equilibrara a disputa. Faltava-lhe, no entanto, equilibrar a rivalidade propriamente futebolística. Este equilíbrio era fundamental, inclusive do ponto de vista simbólico. A trajetória por terrenos alagadiços ou alugados respaldava, em parte, o “mito de origem” do “clubes do

povo”. Digo em parte, pois faltava ao “clube do povo” abrir suas portas aos negros e, o mais importante, sair-se vencedor com eles. Até então, o “clube do povo” era, antes de tudo, uma pecha, um motivo de zombaria dos gremistas. Foram os negros, na década de quarenta, no Eucaliptos, que tornaram o “mito de origem” um orgulho para os colorados.

3.3. Gre-Nal em preto e branco

Se a crença de que o Inter é o “mais querido” entre as classes menos favorecidas não se confirma estatisticamente, como mostram os dados apresentados no início deste capítulo - ver especialmente Tabela 3.9 -, o mesmo não se pode afirmar em relação à questão da “raça”. Na verdade, não existem dados empíricos para corroborar e tampouco refutar a percepção êmica de que o Inter é o “clube dos negros”, de forma que qualquer hipótese a este respeito corre um sério risco de ser desmentida.⁴⁹ Todavia, se a identificação do Inter como “clube do povo” persiste apesar da equidade estatística em termos de classe social, pode-se supor o mesmo em relação à questão do negro. O que estou afirmando, e isto me foi útil para escrever este capítulo, é que os dados estatísticos possuem, no que tange às representações das identidades clubísticas, um valor periférico. Ou seja, as diferenças instituídas pelos próprios torcedores são de natureza preponderantemente simbólica e, portanto, um tanto alheias aos aspectos sócio-econômicos; ainda que estes não devam ser simplesmente ignorados.

Como afirmei no segundo capítulo, a “temporalidade da tradição”, ou caso se prefira, como os torcedores, simplesmente “tradição”, possui um papel determinante na construção da imagem dos clubes e da identidade de seus torcedores. Ainda que este seja um processo ininterrupto e suscetível às mais diversas reelaborações, não é de todo aleatório. As diferenças instituídas ou, seguindo Hobsbawm (1984), as “tradições inventadas”, podem ser situadas num determinado momento histórico ao qual corresponde um contexto sócio-cultural específico. Sendo assim, a identificação do

⁴⁹ Mais como ilustração do qualquer outra coisa, apliquei um questionário simples, entre os que aguardavam na fila para entrar no “sambódromo” na terça-feira do Carnaval de 1998. Considerando-se que o desfile das Escolas de Samba de Porto Alegre é tido como uma manifestação da comunidade negra (Silva, 1993), fiz duas perguntas aos meus entrevistados: “Qual é o seu clube (de futebol) do coração” e “Qual é a sua Escola (de samba) do coração”. Em relação à primeira pergunta, dos 112 entrevistados, 59 responderam o Inter (52,67%), 51 apontaram o Grêmio (45,54%) e apenas 2 (1,78%) indicaram outros clubes. Embora não possam ser generalizados, estes dados apontam para uma tendência do Inter ser o clube preferido entre a comunidade negra porto-alegrense. De qualquer forma, a diferença não é tão expressiva quanto sugerem as recorrentes afirmações de que o Inter é o “clube dos negros”.

Inter com o “povo” e, particularmente, com os “negros”, tem sua razão de existir, mesmo que as estatísticas atuais não confirmem.

O “Gre-Nal em preto em branco” trata justamente destas questões. Como e por que o Inter é tido como “clube do povo”? Por que os torcedores elegeram a “questão do negro” como um dos principais elementos da rivalidade Gre-Nal? Em que momento histórico e qual o contexto que deu origem a esta rivalidade no interior de outra já existente, aquela propriamente futebolística? Para aprofundar estas questões é que se justifica este sub-capítulo, um espécie de parêntese inserido na rivalidade patrimonial. Trata-se de uma história em três tempos, com o negro assumindo, em cada um deles, papéis bem diferenciados.

3.3.1. A Liga dos Canelas Pretas

A existência, por si só, da Liga dos Canelas Pretas, revela que o processo de inserção do negro na sociedade porto-alegrense foi tão ou mais conturbado daquele verificado noutras cidades brasileiras. Pelo menos em relação ao futebol, a tese de Oliveira Viana acerca da “democracia sulina” - segundo a qual, no Rio Grande do Sul, a “vida dos escravos era amena quando comparada com a existente em outros lugares” (in: Oliven:52) - deve ser repensada. Inclusive a adjetivação colorada, como “clube do povo”, nascida junto com o próprio clube, poderia ser questionada, a menos que do “povo” se excluam, automaticamente, os negros.

Não fossem os depoimentos de Lupicínio Rodrigues justificando porque ele, mulato, boêmio, nascido e criado na Travessa Batista, coração da Ilhota, era gremista, os “canelas pretas” provavelmente teriam desaparecido por completo da história do futebol porto-alegrense e, por extensão, da própria cidade. As poucas referências escritas,⁵⁰ somadas às entrevistas de Lupicínio⁵¹ e alguns relatos orais - restritos,

⁵⁰ Dienstmann (“História do negro no futebol gaúcho”, in: Zero Hora, 13/5/1987); Amaro Jr. (“As festas do 13 de maio e um conselho ao prefeito”, in: Folha da Tarde, 14-5/5/1977); e, “O leitor afirma: o primeiro negro do Inter foi Dorval” (in: Jornal do Inter, 1-15/8/1975). A estas publicações poderiam ser acrescentadas inúmeras referências breves ou indiretas sobre a Liga dos Canelas Pretas, mas praticamente todas elas tendo como referência os artigos acima mencionados.

⁵¹ “Lupicínio Rodrigues, um apaixonado pelo futebol” (in: Correio do Povo, 30/9/1979) e “Porque sou gremista” (in: Última Hora, 6/4/1963). A propósito, Lupicínio justifica seu pertencimento ao Grêmio e sua intensa dedicação ao clube - tendo sido, inclusive, sócio honorário e autor da letra do hino do cinquentenário, mais tarde transformado em hino oficial - a partir das influências de seu pai, Francisco Rodrigues. Este, por seu turno, teria se tornado gremista como represália ao Internacional que, através de seus dirigentes, vetou a participação do Riograndense, clube de negros presidido pelo pai de Lupicínio, na

SLE / F. G. M. P.

basicamente, à confirmação da existência da referida liga e dos principais locais onde eram realizados os jogos - fornecem uma vaga idéia de onde e porque os negros disputavam um campeonato paralelo à prestigiada Liga Metropolitana.

Na verdade, a Liga dos Canelas Pretas, como era popularmente conhecida, chamava-se Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegre e dela participavam várias agremiações, todas elas formadas por jogadores negros e mulatos. Bento Gonçalves e Riograndense eram os dois clubes de maior destaque entre os “canelas pretas”; talvez porque seus quadros fossem tecnicamente equilibrados e notadamente superiores aos demais. Porém, pelo depoimento de Genésio Martins dos Santos, constata-se uma rivalidade de ordem extra-campo, motivada por uma espécie de racismo segmentado: o Rio-Grandense sendo o representante dos mulatos - “racista entre nós, negros, pois que só admitia mulatos e mulatas como torcedores, [sendo que] o mais ferrenho racista era justamente Francisco Rodrigues, pai do Lupicínio” (Jornal do Inter, 1975) - e o Bento Gonçalves, identificado com e pelos negros; o que lhe rendeu, inclusive, a distinção de ser o primeiro clube da “raça” a excursionar pelo interior do Estado (idem). Enquanto o primeiro - encarnado, verde e amarelo, como a bandeira do Rio Grande do Sul - era formado por funcionários públicos e de hotéis, o “Bento” - identificado nas cores azul e vermelha, referência ao Grêmio e ao Internacional, respectivamente - arregimentava seus quadros entre os engraxates e outros profissionais considerados de baixo status mesmo entre a comunidade negra. Mas havia também o Primavera, com campo na Gonçalves Dias; o 1º de Novembro, formado pelos funcionários do Forno do Lixão; o 8 de Setembro, verde e amarelo, representante da Colônia Africana, entre outros.

Tão difícil quanto inferir detalhes sobre este que se constituía num espaço de intensa sociabilidade, mais ou menos restrito à Colônia Africana⁵² e à Ilhota,⁵³ é

Liga Metropolitana. Esta também seria uma das motivações que levaram à criação da Liga dos Canelas Pretas.

⁵² “Área da cidade em que se estabeleceram, em torno da época da abolição, numerosas famílias negras. Compreendia os altos do atual Bairro Rio Branco, ou, mais precisamente, das ruas Castro Alves, Casemiro de Abreu, Vasco da Gama, Cabral e Liberdade” (Franco:118). Vários clubes, entre eles o Ruy Barbosa, Cruzeiro e Americano - estes dois últimos chegaram a conquistar, na década de vinte, cada qual um Campeonato Gaúcho - cujos campos eram situados onde atualmente se encontra o Hospital de Clínicas, no início da Protásio Alves - mantinham forte vínculo com a Colônia. Na verdade, estes clubes foram surgindo a partir da segunda metade da década de dez e se incorporaram à Liga Metropolitana, absorvendo, na década seguinte, parte dos negros que até então participavam, com seus clubes segregados, da Liga dos Canelas Pretas. O Ruy Barbosa foi extinto na década de trinta com o advento do profissionalismo e o Americano, mais ou menos pelos mesmos motivos, desapareceu depois de uma fusão mal sucedida com os alunos do colégio homônimo. Já o Cruzeiro, ainda em atividade, mudou-se do início para o final da Protásio, na periferia da cidade e mantém-se no amadorismo.

⁵³ “Área que desapareceu da geografia urbana em razão da canalização do Arroio Dilúvio, perdendo inteiramente suas características depois da execução do Projeto Renascença, que resultou na

precisar cronologicamente o surgimento e o esvaziamento da referida liga. De qualquer forma, pode-se afirmar, tendo como parâmetro fontes indiretas, que a “Liga dos Canelas Pretas” deve ter sido constituída depois de 1912 e atingido seu ápice nos primeiros anos da década de vinte. Sabe-se, por exemplo, que o local onde a maioria dos jogos eram disputados, no campo da Rua Arlindo, havia sido a primeira sede futebolística do Internacional, abandonada, tempos depois, em virtude dos constantes alagamentos. Sendo assim, é correto supor que o Rio-Grandense e seus co-irmãos só passaram a utilizar aquele campo depois que o Inter se mudou para a Várzea da Redenção e, finalmente, para a Chácara dos Eucaliptos, ou seja, de 1912 em diante.

Qualquer tentativa de obter informações mais detalhadas esbarra no esquecimento ao qual os “canelas pretas” parecem estar condenados. Dada a época em que existiu a referida liga, torna-se inócua a procura por pessoas - “velhos”- que dela tenham participado. Os relatos orais, de antigos moradores da Ilhota ou representantes da comunidade negra, geralmente não a mencionam ou o fazem apenas superficialmente. Alguns documentos que, segundo dizem, poderiam ser encontrados na Sociedade Satélite Prontidão, identificada com a comunidade negra, foram dizimados na enchente de 1941.

As poucas informações que obtive sobre os “canelas pretas” não correspondem ao esforço que empreendi nesta busca. Comecei entrevistando Oswaldo Rolla, o “Foguinho”, pouco antes de seu falecimento, em outubro de 1996. Segundo fontes seguras, confirmadas pelo próprio Foguinho, ele seria o único remanescente dos jogadores do final dos anos vinte e início da década seguinte. *Olha jovem, quando eu iniciei com essa coisa do futebol, a coisa mais importante da minha vida.... a liga dos canelas pretas já não existia mais!* - Foi tudo o que disse sobre o assunto. No Satélite Prontidão, quando me referi à existência da Liga, fui surpreendido: *não sei do que tu tá falando...* - respondeu-me um de seus diretores. Outro, entre os que se interessaram pelo assunto, arrematou: *acho que já ouvi falar... do que se trata mesmo?* Nos museus de Porto Alegre, escassas referências à topografia da Ilhota, menos ainda sobre seus antigos moradores e nada, absolutamente nada, acerca dos “canelas pretas”. Fiz-me entrevistar sobre o tema no programa “Show dos Esportes”, na Rádio Gaúcha, com o

abertura da Av. Érico Veríssimo e áreas que a circundam. Quando o Riacho, ou Arroio Dilúvio, ainda percorria o seu antigo leito, começava, ao atingir a Rua Arlindo e ao receber a vazão de seu afluente Cascatinha, a descrever extensos meandros, em terreno baixo e alagadiço (...)” (Franco:212). Para uma descrição mais detalhada sobre a Ilhota e a Cidade Baixa cf. “A Historiografia do Bairro”, in: Jardim (1991:68-90). Ver tb. “Cidade Baixa: Carnaval e Território Negro”, in: Silva (1993:153-196).

que obtive um único retorno e sobre algo que já era do meu conhecimento. Entre outras tantas investidas, obtive os artigos de jornais já referidos e, com Demóstenes Gonzalez, amigo de Lupicínio Rodrigues, alguns dados sobre localização, época, etc, que me foram extremamente úteis quando ainda estava iniciando a investigação.

Se os esforços empreendidos e os escassos resultados obtidos podem ser interpretados para além de uma “busca fracassada”, pode-se afirmar que os “canelas pretas” fazem parte de um passado que a cidade, o futebol e os próprios negros - me refiro especialmente aos que foram meus informantes - preferem esquecer. Há boas razões para tal, especialmente por parte destes últimos.

Memória seletiva à parte, pode-se aferir que o auge da Liga Nacional de Football Portoalegrense se deu no início da década de vinte. A evidencia mais clara a este respeito é a excursão do Bento Gonçalves a Cachoeira do Sul, em 1923 e, dois anos depois, a Pelotas e Rio Grande; cidades que enfrentavam em pé de igualdade os “grandes” clubes da capital.

A ascensão dos times identificados com a comunidade negra e de outros tantos, cuja base era formada por jogadores das classes baixas, adquiriu tamanha notoriedade nos anos 20 que a Liga Metropolitana achou por bem criar uma espécie de segunda divisão. Abria-se, desta forma, uma possibilidade de acesso para clubes e jogadores anteriormente discriminados sem perder de vista as vantagens que tal proximidade representava, especialmente para o Grêmio e o Internacional. Em outras palavras, os clubes menores serviam como celeiros de atletas que, tão logo se destacassem, eram levados por “olheiros” para jogar nos clubes de maior prestígio. Assim, a abertura da Liga Metropolitana representou o progressivo esfacelamento dos “canelas pretas”, tendo seus principais destaques migrado para clubes da “liga do sabão” - segunda divisão - e em menor número para a “liga dos sabonetes” - grupo de elite -, excetuando-se, claro, a dupla Gre-Nal.⁵⁴

A segregação racial no futebol porto-alegrense não pode ser explicada elencando-se uma ou duas razões quaisquer por mais convincentes que possam parecer. Trata-se, evidentemente, de motivações anteriores e, até certo ponto, alheias ao futebol. Em parte, a segregação racial no futebol deve ser tributada a um processo mais amplo, extensivo à própria construção da identidade gaúcha. Oliven (1996) demonstra como a exaltação da figura do gaúcho da Campanha, enquanto tipo representativo do Rio

⁵⁴ Foguinho e, mais tarde, Tupã e Tesourinha são exemplos de jogadores que se destacaram pela dupla Gre-Nal tendo iniciado suas carreiras na “liga do sabão”, jogando por clubes de menor expressão.

Grande do Sul, exclui a maior parte dos grupos sociais residentes no estado, sejam eles descendentes de italianos, alemães, negros, índios, entre outros. Em relação à presença e contribuição dos negros e índios na construção da identidade regional, nota-se um certo desconforto até mesmo por parte de alguns historiadores.

(...) Ao passo que em outros Estados do Brasil, como a Bahia, o negro comparece como um dos formadores da identidade, no Rio Grande do Sul sua imagem é relegada a um segundo plano. De fato, a historiografia gaúcha tradicional, apesar de reconhecer a existência generalizada do escravo no Estado, insistiu na sua pouca importância no processo de trabalho (:26).

Na esfera do futebol, é notória a desconfiança com que os negros eram percebidos pela elite local, bem exemplificada pelas retaliações sofridas por Tupã após a derrota do Inter no Gre-Nal de 1935, que decidiu o título da cidade, alusivo ao centenário da Revolução Farroupilha. Nem mesmo os dois títulos que Tupã havia ajudado a conquistar no ano anterior - citadino e estadual - foram suficientes para inocentá-lo.

(...) Foi acusado de estar vendido porque perdeu alguns gols estranhos. Ele foi obrigado a sair do clube e teria dito várias vezes o seguinte: "É, falaram de mim porque sou negro, mas também havia um branco vendido naquele jogo" (Carlos Lopes dos Santos, s/d; mineo).

Seja como for, a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense constituiu-se numa primeira e particularíssima fase da trajetória do negro na capital gaúcha; um capítulo à parte, é verdade, mas nem por isso menos brioso daquele que viria a seguir.

Que o pessoal da "canela preta" não era de pernas de pau prova o resultado de uma partida efetuada antes de 30, quando (...) bateram-se as seleções de brancos e pretos na Chácara das Camélias. (...) Os "brancos" organizados pelo Felix Magno, então titular absoluto do Internacional, tendo na esquadra o que de melhor havia nos clubes principais da cidade, iniciaram o jogo um tanto displicentemente, facilmente marcando cinco a zero, resultado com o qual terminou o primeiro tempo. No período final os "negros" voltaram dispostos a mostrar o seu valor e colocaram seis bolas nas redes brancas, vencendo por 6 a 5 (Amaro Jr., in: Folha da Tarde, 14 e 15/5/77).

A segregação racial no futebol porto-alegrense seria paulatinamente esvaziada ao longo da década de trinta, impulsionada, entre outros fatores, pela emergência do profissionalismo e pela nova modalidade de público que acorria aos jogos. O futebol já havia perdido muito do seu ar aristocrático e a assistência dos jogos já não se limitava às distintas senhoras e senhoritas da "melhor sociedade", nem a seus pares de igual

procedência. Ter um público cativo, independente da condição social, credo ou cor se tornara um objetivo a ser perseguido por qualquer agremiação. Num contexto onde jogadores, sócios, dirigentes e torcedores já desempenhavam papéis bem diferenciados, não havia razões para e nem como impedir que negros e populares em geral se identificassem com este ou aquele clube. A redefinição e diferenciação dos papéis e o profissionalismo seriam os responsáveis pela “democratização funcional”, a partir da qual a elite passou para o controle e administração dos clubes e os jogadores passaram a ser valorizados pelas suas qualidades técnicas, possibilitando, assim, a ascensão de atletas anteriormente social e racialmente discriminados.

Se a elite aristocrática conserva seu poder na instância nacional dirigente como uma maneira de influenciar um esporte que ela contribuiu para criar, mas que sofre uma disseminação irreversível em direção às classes populares, ela não tem outro remédio senão se refugiar em outros esportes distintos. A tensão representada pela oposição entre amadorismo e profissionalismo se resolve em favor da democratização e da profissionalização” (Leite Lopes, 1995:153-4).

Torcer se tornava uma possibilidade em aberto à medida que os clubes, ganhando espaço nas rádios e nos jornais se aproximavam do grande público, bem diferente do que fora nos primeiros tempos quando apenas uma parcela restrita da população, aquela de maior poder aquisitivo, tinha acesso ao quadro social e aos estádios.

3.3.2. Os Diabos Rubros do Rolo Compressor

A década de quarenta representa, sob todos os aspectos, um novo panorama futebolístico em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Várias mudanças iniciadas na década de trinta são consignadas ou aceleradas, entre elas a opção definitiva pelo profissionalismo, a regionalização das disputas, o aumento do número de jogos, a constituição de um público “torcedor”, a expansão da mídia esportiva e, acima de tudo, a afirmação do negro no futebol regional. Gre-Nal já era Gre-Nal desde a década de vinte mas nos anos quarenta assumiria contornos até então restritos a uma disputa preponderantemente local.⁵⁵

⁵⁵ Creio desnecessário apresentar aqui uma tabela ou grade apontando o aumento progressivo do número de jogos numa mesma temporada e a regionalização, nacionalização e, por fim, internacionalização das disputas. De outra parte, posso assegurar ao leitor a procedência desta afirmação pois, para minha própria orientação, realizei este levantamento. A partir da “História do Grêmio”, nº 1-7, pode-se afirmar que, até a década de vinte, os jogos envolviam contendores preponderantemente locais. A partir de 1919 inicia o Campeonato Gaúcho, com o campeão de Porto Alegre enfrentando o campeão do interior, apenas

Mesmo que o Inter já estivesse no Eucaliptos, um estádio que não deixava nada a desejar em relação ao Fortim da Baixada, o Grêmio é quem detinha a supremacia local nos anos trinta. Os colorados tinham ganhado o campeonato metropolitano e estadual em 1934, mas isto pouco representava diante dos quatro títulos metropolitanos seguidos conquistados pelo arquirrival, entre 30 e 33, outros três entre 37 e 39, o bicampeonato estadual em 32 e 33 e, o mais festejados de todos, o título de Campeão Farroupilha em 35 - o Grêmio venceu a disputa na cidade, mas perdeu o estadual para o 9º Regimento de Pelotas, que, daquela data em diante, passou a se chamar Farroupilha.

Reverter este quadro tornara-se, mais uma vez, questão de honra. Certamente o Inter não estava à beira da extinção como estivera nos primeiros anos de sua fundação, depois que o Grêmio lhe imprimiu humilhantes goleadas, e tampouco esta crise se assemelhava àquela do final dos anos vinte, quando o clube ficou sem campo para treinar e disputar seus jogos. A diferença em relação às atribulações anteriores é que a solução estava mais próxima do que se poderia imaginar, principalmente em termos geográficos e financeiros. Com o “profissionalismo marrom” e, posteriormente, com o “profissionalismo oficial”, acordado em ata pelas duas direções (Revista do Sport Club Internacional:13), poucos eram os jogadores, como Foguinho, que insistiam em jogar pelo “amor à camisa”. Muito menos os negros. Em parte porque o futebol representava uma possibilidade real de ascensão econômica e, de outra, porque tão logo esta prerrogativa se viabilizou as cifras foram se avolumando e surgiram então os intermediários, também conhecidos como procuradores. Estes últimos, geralmente homens de negócios e não raro travestidos de dirigentes dos clubes, aproveitavam-se da suposta incapacidade dos jogadores em gerenciar seus contratos para oferecer seus serviços em troca de um percentual nas transações. Assim, mesmo que um jogador pretendesse seguir no amadorismo, não faltaria um “benfeitor” para convencer-lhe do contrário. Esta dimensão pecuniária foi decisiva para o fortalecimento do Inter nos anos quarenta pois, à medida que o Grêmio continuava segregando os negros, estes possuíam

em jogos de ida e volta. Este sistema é alterado no início dos anos quarenta, com o advento do profissionalismo, mas ainda assim, a dupla Gre-Nal enfrenta, preponderantemente, outros clubes da cidade e da região metropolitana; é quando os clubes da fronteira sul do Estado, que venceram vários campeonatos gaúchos entre 1919-1940 entram em decadência e cedem espaço para os clubes da “colônia italiana” A regionalização se intensifica nas décadas de 50 e 60 até que, no final desta década, Grêmio, Internacional e, esporadicamente, um ou outro clube do interior passam a participar dos certames nacionais. A valorização da Libertadores da América e do Mundial Interclubes, tanto do ponto de vista econômico quanto simbólico, ocorre, para a dupla Gre-Nal, a partir do final dos anos setenta e se intensifica nas décadas seguintes. Cf. tb. Dienstmann (1987) e a série “País do futebol” (in: Folha de São Paulo, 24/1 a 6/3/97).

um valor inferior no mercado futebolístico. Um jogador qualquer, com condições de ser aproveitado pela dupla Gre-Nal, poderia ser adquirido por um valor "x", se fosse negro mas, sendo branco, valia "2x", em razão da concorrência. Como resume Salin Nigri, *se era branco valia o dobro porque havia concorrência, se era preto, o Inter comprava pagando o preço que desejava.*

Os “canelas pretas”, embora dispersos pelos clubes de menor expressão da capital, ainda mantinham um forte vínculo com a Ilhota e, dali até o Eucaliptos, nem precisavam tomar o bonde. Nem mesmo o episódio que culminou com a deserção de Tupã, em 35, impediu a contratação de outros negros pelo Internacional. Não eram casos isolados como os de Dorval e Dirceu Alves, mulatos que passaram pelo clube nas décadas de dez e vinte, respectivamente, pois no time de Tupã também jogava Darcy Encarnação, um emérito driblador revelado no São Paulo de Rio Grande.

Já em 1939, chegou Tesourinha, tirado do Ferroviário, um clube de menor expressão cujo campo se situava na José de Alencar, a poucas quadras do Eucaliptos. Vieram, uns antes, outros depois, também Assis, o “Parobé”, nome do bar onde o uruguaianense bebia compulsivamente; Carlitos, do Tristezense, clube da zona sul da cidade; Rui, o “Motorzinho”, buscado em Alegrete; Russinho, “doutor” David Russowsky, convencido pelo irmão a trocar a Baixada pelo Eucaliptos e, segundo Coimbra & Noronha (:49), o único de família abastada entre os atletas colorados. Mais tarde chegariam Vilalba, goleador argentino; Alfeu, ex-jogador do clube com passagem pelo Santos - SP e pelo Grêmio Santanense; e Ávila, o “King Kong”, vindo de Pelotas portando sífilis para ser o rei do Cabaré do Galo, na rua Cabo Rocha.

Destes, nem todos estavam presentes no Gre-Nal amistoso que marcava a despedida de Luis Carvalho, “El Maestro”, um dos maiores jogadores da história tricolor. Nem a data, véspera de finados, e muito menos o adversário, o Inter, chegavam a impressionar os gremistas; tudo se encaminhava para mais uma vitória, uma constante nos últimos anos. O Correio do Povo anunciava o enfrentamento da “técnica tricolor” e do “sangue colorado”, sugerindo, quem sabe, a superioridade dos gremistas. Não foi o que se viu em campo; o jogo foi vencido por 6 a 0 pelos colorados e o Inter só não devolveu os 10 a 0 do primeiro Gre-Nal graças à intervenção do árbitro - “era muito gol para um Gre-Nal, doutor”, foi como Álvaro Silveira justificou para Ildo Meneghetti a anulação de pelo menos quatro gols legítimos do Inter (:46). No dia seguinte, o mesmo Correio (2/11/39) anunciou, com destaque, a vitória dos “diabos rubros”.

Era apenas um prelúdio daquilo que haveria de se confirmar na década seguinte. A “década” colorada iniciou justamente no ano de 1940 e se estendeu até 1955. A partir de 1942, por iniciativa de Vicente Rao, consagrado Rei Momo da cidade (1950-72) e, reconhecidamente, o primeiro chefe de Torcida Organizada no Sul do Brasil, aquele Inter entraria para a história com o apelido de “rolo compressor”. Os colorados passariam a discutir, anos mais tarde, qual das formações do “rolo” foi a mais eloqüente, quando atingiu o auge e assim por diante. Discussões típicas do futebol, retórica pura, pois o “rolo” foi e ainda é um consenso, independente deste ou daquele jogador que entra ou sai da equipe segundo a preferência dos colorados daquela época.

Mas não era apenas o futebol - a técnica, a força, a ousadia, etc - que impressionava os torcedores dos vários lugares por onde o “rolo” andava. Nem tanto no Nordeste brasileiro ou no centro do País, mas principalmente no interior do Estado, a exuberância de Assis, Ávila e Abigail - os três ases que mais tarde seriam imortalizados no Hino Oficial do Inter, “Celeiro de Ases”-, somados a Nena, Alfeu e Tesourinha, todos negros, simbolizavam também o fim da segregação racial e a afirmação do profissionalismo. Raça, condição social e estilo de vida já não eram critérios para inclusão/exclusão de atletas, pelo menos no Internacional. Como diria Abelardo Jaques Noronha, um dos presidentes do Inter na década de quarenta e recentemente falecido: “Era negro? Era bom? Era nosso!” (Coimbra & Noronha:47).

Acontece que o Grêmio, mesmo humilhado pelos títulos do arquirrival, ainda insistia com o preconceito que o havia notabilizado desde sua fundação. Mais preocupante que as derrotas dentro de campo eram os incômodos que a pecha de racista e germanófilo impunha ao clube. Não era o único a não admitir negros em seu quadro social mas, diferentemente do Fluminense do Rio de Janeiro e do Náutico do Recife, igualmente “aristocráticos”, o Grêmio não admitia negros no time. Antes de mais nada, tal atitude representava um contra-senso diante da nova realidade do futebol. Afinal, os clubes que insistiram com restrições desta natureza, características do amadorismo, acabaram sucumbindo, como foi o caso do Paulistano, em São Paulo, e tantos outros espalhados pelo Brasil. Se clubes tradicionais como o Palmeiras, o Cruzeiro e o Coritiba até mudaram de nome - antes se chamavam Palestra Itália - atendendo às designações do Estado Novo, não estava na hora do Grêmio também rever seus “narcisismos”?

O Grêmio perdia títulos e, principalmente, adesão popular. Aquele ar aristocrático, de superioridade, era contestado até por alguns torcedores, preocupados

com o “envelhecimento” da torcida. É verdade que aqueles que se tornaram gremistas nas décadas de vinte e trinta, quando o time esteve “por cima”, mantinham-se fiéis ao clube; conforme a regra subjacente a esta modalidade de vínculo. Entretanto, negros, jovens e populares em geral inclinavam-se ao colorado em proporções que comprometiam, ainda mais, o prestígio do clube da Baixada. Aliás, prestígio já se tornara um valor de ordem quantitativa. Em outros termos, a credibilidade e a grandeza de toda e qualquer agremiação futebolística já não era aferida apenas pela distinção de seus partícipes mas, cada vez mais, pela quantidade de pessoas que declaravam e atestavam seu pertencimento, independente de credo, cor, status ou seja lá o que for. Neste aspecto, a intransigência e a soberba da Baixada perdiam adeptos para o “clube do povo”, um atributo que os “diabos rubros do rolo compressor” e o contraste nas arquibancadas acabaria perpetuando. O “rolo” se esvaziaria mais tarde e o Inter voltaria a enfrentar dificuldades. Porém, as façanhas daquele time, identificado com o Eucaliptos, e a empolgação da torcida, comandada por Vicente Rao, marcariam para sempre a história do futebol Gaúcho. O “rolo” não era apenas um time de negros, senão que de negros vencedores.

3.3.3. Tesourinha: do Areal da Baronesa à unanimidade

3.3.3.1. Ao Internacional: o futebol

Quando nasceu Osmar Fortes Barcelos, o Tesourinha, em 1921, a Liga dos Canelas Pretas estava prestes a atingir seu ápice que, paradoxalmente, decretaria sua extinção, como foi explicitado anteriormente. De acordo com Endler (1984) o menino Osmar, órfão de pai aos três anos, “cresceu na rua”. Não por descuido da mãe, nem do padrasto. É que na Lobo da Costa, bem como em toda a Ilhota, os meninos tinham esta liberdade e, de mais a mais, havia vários campos de várzea que até bem pouco tempo tinham servido aos “canelas pretas”. Arredio aos estudos, Osmar foi se especializando no trato da bola; fazer “embaixadas” era uma de suas especialidades. As “peladas” foram como uma escola e nelas ele foi o primeiro da turma. Aprovado com distinção, passou a integrar os times das cercanias, especialmente aqueles arranjados de improviso para jogar em outras várzeas da cidade, até chegar ao Ferroviário. E dali, num golpe de mestre dos “olheiros” colorados, foi levado para o Eucaliptos.

Ainda segundo Endler (1984), Osmar aprendera a admirar Darci Encarnação, que jogava no Inter no início da década de trinta e, principalmente, Tupã, o “bailarino”, aquele que fora execrado do Inter depois da derrota no Gre-Nal Farroupilha. Mas não era só o futebol de Tupã que impressionava Osmar; despertava-lhe admiração também o prestígio com que o “bailarino” era percebido na Ilhota. Ocorre que, ao longo dos anos 20 e 30, a Ilhota deixara de ser um reduto de ex-escravos para se tornar um dos locais mais festivos da cidade. A Ilhota tinha bares, bordéis e carnaval de rua. As composições de Lupicício Rodrigues, nascido na Travessa Batista, faziam sucesso em outros bares de Porto Alegre mas ele permanecia fiel ao seu local de nascimento (Gonzalez, 1986). Era amigo do padrao de Osmar, Seu Fausto, sócio-fundador do bloco “Os Tesouras”. O apelido veio daí: os filhos adotivos de Seu Fausto participavam do bloco, “o mais velho, Ademar, gostava de dar saltos ornamentais, é remelexo. Logo, fica conhecido como o ‘Tesoura’. Osmar, mais moço e franzino, é o ‘Tesourinha” (Endler:20).

Se, como afirma Leite Lopes (1992), o estilo de Garrincha tem muito a ver com sua infância e adolescência passadas na vila operária de Pau Grande (ver cap. II), o estilo de Tesourinha, arredo à marcação, de dribles rápidos e desconcertantes e de intensa movimentação pelo ataque (“O gênio unânime”, in: ZH 18/5/96), tinha muito da sua socialização nas “ruas” da Ilhota e quiçá, uma herança dos “canelas pretas”. Embora tivesse uma vida regrada fora de campo - o que lhe valeu o apelido de “fósforo nacional” (o que só risca na caixa) junto a seus colegas do Rolo Compressor; o que equivaleria, nos dias de hoje, ser taxado de “careta” -, Tesourinha foi vitimado, tal qual Garrincha, pelas constantes infiltrações nos joelhos. Quando um deles “estourou”, teve de submetê-lo a uma artroscopia e, como isto ocorreu no início de 1950, Tesourinha acabou não participando da Copa. Esta pequena tragédia pessoal - se comparada à comoção nacional que foi a derrota de 50 - talvez tenha sido determinante para que Tesourinha raramente seja lembrado como um craque nacional, embora tenha sido eleito o Craque Melhoral em 1948 com quase quatro milhões de votos. Em termos regionais, porém, seu lugar está assegurado entre os 10 maiores jogadores de todos os tempos, segundo pesquisa realizada entre dirigentes, cronistas e ex-atletas da dupla Gre-Nal (“Mitos do Futebol Gaúcho”, in: ZH, 26/4 a 6/6/96).

A performance futebolística de Tesourinha foi fundamental para o Inter nos anos quarenta. Não é menos verdade, porém, que seu êxito se deveu, em grande parte, ao Inter daquela década. Diferentemente do que ocorrera nos anos trinta, quando os

primeiros negros chegaram ao Eucaliptos, o Inter dos anos quarenta foi praticamente imbatível. Em outras palavras, o sucesso de Tesourinha esteve vinculado não apenas ao fim da segregação racial mas, principalmente, às inúmeras conquistas do Rolo Compressor. É justamente em razão destas conquistas que “o time dos negrinhos”, como era chamado, pejorativamente, o Inter dos anos 30, tornou-se motivo de orgulho para os colorados a partir da década seguinte. E Tesourinha, símbolo daquele time, conquistou, então, um lugar cativo na memória dos colorados mais antigos.

3.3.3.2. Ao Grêmio: a cor

Na biografia de Tesourinha consta uma façanha que nenhum outro jogador jamais alcançou: ser ídolo de gremistas e colorados. A segunda parte da sua trajetória corresponde a uma espécie de montagem cênica, há muito anunciada mas nunca exibida por faltar o ator talhado para o papel principal. O ator era Tesourinha que, mais uma vez, estava no lugar certo, na hora exata.

Em 1952, ele estava no Rio de Janeiro, no Vasco da Gama, quase em final de carreira. O Grêmio (...)

(...) há muito tempo que queria botar um negro no time mas havia muita dificuldade. Tu não podia, por exemplo, num time só de brancos - não tem negro e tem essa turma racista - contratar um... Jacaré da vida, um... jogador desses aí, esse Marcos Paulo, não sei se é branco ou preto mas acho que é branco, mas vamos dizer que seja preto e tá jogando mal; então tu bota um negro ruim no Grêmio... pô, aí matam o presidente, o negro, matam todo mundo. Então precisava um cara com nome e o nome era o Tesourinha.

O Tesourinha tinha jogado dez anos no Internacional, nos encheu de gols e coisa (...). E aí a história que eu sei, entre todas, (...) é que o Aparício ligou para o Vanzelotti conversando sobre outros assuntos e diz o Aparício como quem não quer nada:

- Sabe que eu tô... tô com um problema aí. O Tesourinha veio do Rio, quer voltar prá Porto Alegre e o Internacional não quer - porque o Internacional tinha o Luizinho, que era um bom ponta direita (...) - e agora eu não sei o que que eu vou fazê com o Tesourinha.

Diz o Vanzelotti:

- Quanto é que custa o Tesourinha?

- Eu faço dele cem mil.

- Então tu me traz ele aqui, vem aqui prá nós combinarmos que eu quero comprar.

Diz o Aparício... o Aparício contava esta história!

- Mas... Escuta! Tu não entendeu o que eu falei? Não sabe quem é o jogador... [risos] eu tô falando do Tesourinha!

Diz ele:

- Eu sei! O Tesourinha...

- Mas o Tesourinha é negro pô!!!

- Pois é, eu quero...

- Tu tá falando sério?

- Tô falando sério!

E aí foi lá e acertou a compra do Tesourinha por cem mil cruzeiros (...). Pegou uma folha de papel almaço, fez uma lista entre os conhecidos (...). Em vinte quatro ou quarenta e oito horas ele estava com os cem mil na mão. Eu me lembro que eu tinha uma turma de amigos ali e cada um deu mil. Era uma turma... todos amigos do Vanzelotti! (Salin Nigri, 70 anos, com passagem, como colaborador, por vários departamentos do Grêmio).

Assim, em 4/3/1952 o Correio do Povo noticiava a mais recente aquisição do tricolor com a seguinte manchete: “O Vasco cedeu Tesourinha ao Grêmio”.

Desnecessário se torna encarecer a importância que a contratação de Tesourinha pelo Grêmio representa para o esporte bretão em nossa terra, pois, sobre constituir, inegavelmente, um grande reforço para o plantel, vem quebrar uma velha tradição tricolor, a qual, embora sem caráter de discriminação racial, já que em seus estatutos nada consta a respeito, vinha porém, sendo seguida desde a fundação do glorioso clube.

No dia seguinte, o mesmo jornal, sob “Tesourinha corta uma tradição de meio século”, reproduz, em linha gerais, o mesmo texto do dia anterior acrescido pela foto do jogador - de “reconhecida qualidade técnica e cavalheirismo, em suma, de verdadeiro desportista” (CP, 5/3/1952) - e uma menção aos aplausos dos torcedores que manifestaram simpatia à iniciativa de Vanzelotti.

A repercussão dado pelo Correio do Povo, embora destacando a ruptura de “uma tradição”, não se diferenciou, significativamente, da forma como são anunciadas outras tantas “contratações de impacto” na atualidade. Neste particular, inédita mesmo foi a nota publicada, “apedido”, pelo presidente Saturnino Vanzelotti no dia subsequente: “Ao mundo esportivo do Rio grande do Sul e à família tricolor”. Nesta manifestação pública, que se pretendia representativa do sentimento de todos os gremistas, ficava evidenciado o caráter extraordinário da chegada de Tesourinha.

(...) As épocas mudaram e daquele amadorismo sadio de então nos transportamos, como sinal dos tempos, para a realidade de hoje, muito mais diversa e arrebatadora, onde todas as energias são convocadas para as permanentes porfias que constituem a situação normal em todos os setores de atividade.

(...) A agremiação desportiva vive em função de seus feitos, projetando mais ou menos o seu prestígio, na razão direta das vitórias que obtém, dos galardões que conquista.

(...)Temos a convicção de que, acima de tudo, estamos prestando mais um serviço ao nosso Grêmio porque, como sempre, procuramos torná-lo mais pujante, mais glorioso, mais respeitado e "mais vezes campeão".[Decreta-se, então, o fim] do hediondo, impecunioso e intolerável preconceito (CP, 6/3/1952).

Nem mesmo a justificativa utilitarista dada pelo presidente - no fundo, o Grêmio necessita mesmo é de "vitórias" e "galardões" - aplacou o ânimo de alguns gremistas. Dois dias depois o Correio estampava novo "apedido", desta vez mandado publicar por "ex-associados e simpatizantes descontentes", dando a exata dimensão do impacto causado pela chegada de Tesourinha e, acima de tudo, revelando a "outra face" do clube. Um "Grêmio" que o próprio Grêmio preferiria ocultar; se isto fosse possível, é óbvio.

A nota iniciava em tom irônico, "Confissão Oficial'...", e, em maiúsculas, sentenciava: "A direção do Grêmio agiu arbitrariamente":

(...) A atitude da direção do clube da Baixada, de tão controvertidas opiniões, veio dar, incontestavelmente, NOVOS RUMOS À VIDA DA GLORIOSA AGREMIÇÃO e isto reconhece, na mencionada nota, a própria presidência. Acontece, entretanto, que o art. 91, inciso 1º, letra E dos estatutos, reza o seguinte: "COMPETE AO CONSELHO DELIBERATIVO RESOLVER SOBRE MATÉRIA QUE ENTENDA DIRETAMENTE COM A EXISTÊNCIA DO GRÊMIO" e, no entanto, foi, simplesmente, a Diretoria, que, "por decisão unânime", resolveu "tornar insubsistente" a norma que vinha sendo seguida.

(...) O caso não era rotineiro, não se tratava de "uma simples contratação de jogador", como asseverou a Presidência, quando da reunião com os associados descontentes (...)

(...) São atitudes arbitrárias como essa, gerando discórdia numa agremiação, que a tornam "menos pujante", "menos gloriosa", "menos respeitada" e "menos vezes campeã" (CP, 8/3/54).

A "norma que vinha sendo seguida" não consta nos estatutos do clube embora haja indícios e depoimentos indicando que, pelo menos nas atas do Conselho Deliberativo, há restrições claras à participação dos negros no quadro social e no time propriamente dito.⁵⁶ Mas, que diferença faz se tal "norma" consta ou não em dado

⁵⁶Um conselheiro do Grêmio, pedindo para não ser identificado - o que, por si só, revela o quanto este tema é controverso - afirma constar nas atas e noutros documentos de interesse interno as ditas "normas" coibindo a participação dos negros no clube e no time. Outra "justificativa", credita a segregação a uma *cláusula contratual, imposta pela família Mostardeiro, desde quando o terreno da Baixada foi cedido ao Grêmio*. Só que o referido terreno não foi cedido e sim comprado! Seja como for, fiz duas tentativas para acessar tais atas e, ambas as vezes, vi minhas estratégias frustradas. Na segunda, principalmente, tentei dissimular o máximo, mas esbarrei numa alegação que me pareceu, ao mesmo tempo, convincente e reveladora: *as atas são documentos restritos ao interesse do próprio clube, estão*

impresso ou manuscrito se, no fundo, é uma “tradição” que se quer ver rompida ou continuada? Obviamente, pelo menos para o Grêmio e, em particular para os salvaguardas de sua memória “oficial”, a inexistência ou a simples ocultação das supostas “escrituras” pode servir para atenuar certos procedimentos do passado. Para eles, portanto, os documentos escritos têm muito valor à medida que se constituem em signos da história nem sempre “gloriosa” e “pujante” do clube e de alguns de seus “vigilantes” associados, como se denominaram os que publicaram o “apedido” contestando a contratação de Tesourinha.

De outra parte, do ponto de vista dos torcedores, tais “provas” possuem apenas um valor periférico. A discursividade futebolística procede de modo diverso daquele dos tribunais onde o princípio da não-contradição e da acusação seguida de prova documental são seguidos à risca. Sendo assim, a ocultação das atas, se é que de fato elas têm algo a denunciar, não impede que a pecha de “racista” seja seguidamente atribuída ao Grêmio. Até porque, para muitos de seus torcedores, o Inter continua sendo o “time da negrada”, como terei a oportunidade de explicitar mais adiante.

Tesourinha deixou o Grêmio no final de 1954, sem ter conquistado nenhum título. Apesar de ter saído vitorioso em alguns grenais, jamais anotou um gol contra seu ex-clube. Em dada oportunidade, ofertaram-lhe uma cobrança de pênalti para que, enfim, o tabu fosse quebrado, mas ele recusou. “Talvez se sentisse diminuído tendo que marcar o primeiro gol servindo-se de um favor. Ou, talvez, não suportasse a situação-limite que é cobrar um pênalti contra o clube do coração” (Endler:83). E, gostaria de acrescentar, caso desperdiçasse a cobrança, o que diriam dele os gremistas? O mesmo que disseram os colorados a respeito de Tupã, em 35? Qualquer que tenha sido o motivo da recusa, o certo é que Tesourinha nunca escondeu que seu “clube do coração” era mesmo o Inter, mas nem por isso os gremistas lhe foram ingratos - como em geral tendem a proceder os torcedores diante desses casos limites. Como lembra Salin Nigri, recuperando uma frase que se popularizou à época, *Tesourinha emprestou seu futebol ao Inter e sua cor ao Grêmio!*

À exceção dos “gremistas vigilantes”, o fim da segregação racial deu novo alento aos torcedores gremistas (voltarei a este assunto no próximo capítulo). O resgate da *imagem* do clube impulsionou a “campanha do cimento” e em menos de dois anos o

guardadas em cofre e para acessá-las apenas com a autorização do Conselho. Nelas constam muitas picuinhas internas e, aquilo que poderia e deveria ser externado já o foi, inclusive publicado. (Seu Bordin e D^a Ema, responsáveis pelo Museu do Grêmio).

Grêmio trocava a Baixada pelo Estádio Olímpico.⁵⁷ Contando com a participação dos consules do interior, de dirigentes “ilustres”, torcedores “anônimos” e até do prefeito Ildo Meneghetti - em campanha para governador - a primeira parte do Olímpico pôde ser concluída em 1954, na semana do 51º aniversário do clube. Em 1957, o Grêmio iniciaria uma série de 12 conquistas regionais num período de 13 anos. Chegava ao fim a pior crise de toda a história do clube que, apesar dos contratemplos, saiu fortalecido dentro e fora de campo. De “casa nova” e “mentalidade nova”, o Grêmio dos “doze anos em treze” receberia a adesão de muitos torcedores, reequilibrando a disputa local que, nas duas décadas anteriores, havia sido francamente favorável aos colorados, inclusive nas arquibancadas.

Os anos quarenta ficariam marcados para sempre na memória dos torcedores porto-alegrenses. Não há como compreender as razões pelas quais “raça” e “classe social” são as categorias êmicas mais recorrentes na rivalidade Gre-Nal, se essa década não for revisitada. Ela marcou certas diferenças já existentes e o fez de forma tão contundente que, ainda hoje, quando as estatísticas indicam que gremistas e colorados estão distribuídos equanimemente em relação às classes sociais, persiste a imagem do Inter como o “clube do povo” e do Grêmio como sendo “da elite”.

Embora a vinculação do Inter com “o povo” seja anterior à década de quarenta, o fim da segregação dos negros, por ter ocorrido com alguns anos de antecedência em relação ao Grêmio, consolidou, definitivamente, a imagem do “clube do povo”. De mais a mais, a entrada dos negros no futebol “oficial” de Porto Alegre foi posterior ao processo análogo verificado em outras capitais brasileiras, como é o caso do Rio de Janeiro - meados da década de vinte - e de São Paulo - meados da década de dez (Rufino dos Santos, 1981). Isto se deve, em parte, à disseminação tardia do futebol em Porto Alegre e ao segregacionismo dos grandes clubes, mas também a outras variáveis sócio-culturais que nortearam a exclusão/inclusão dos negros em outras esferas da sociabilidade porto-alegrense; como no carnaval, por exemplo.

Nos festejos de rua da cidade de Porto Alegre, comparativamente a outros centros urbanos como o Rio de Janeiro e São Paulo, os negros

⁵⁷ Levando-se em consideração que a contratação de Tesourinha foi anunciada em 4 de março de 1952, apenas dois meses depois do início das obras de terraplanagem para a construção do Olímpico e um ano antes do início da edificação propriamente dita - 24/4/1953 -, pode-se afirmar que o fim da segregação serviu como estratégia publicitária. No dia 15/3/52, véspera da estréia de Tesourinha no Grêmio, o Jornal Correio do Povo publicou matéria paga com o seguinte título: “Nova tómbola para as obras do estádio tricolor”. Era a “Família Tricolor Lagoense” parabenizando a atitude do presidente Vanzelotti e comunicando a adesão dos “abaixo-assinados” na campanha do cimento; cada assinatura - em torno de trinta - equivalendo a uma saca.

começaram a participar mais tardiamente. Ao que tudo indica, foi através dos cordões e blocos da década de vinte que os negros de Porto Alegre, de forma organizada, começaram a sair às ruas para participar da folia. Antes percorriam as ruas com o rosto oculto sob uma máscara ou, eventualmente, participavam do *entrudo*, que na primeira década deste século ainda era jogado em alguns arrabaldes (Silva, 1991:82).

Seria interessante proceder uma comparação *tête-à-tête* entre a ascensão dos negros no futebol e a participação deles no carnaval de rua porto-alegrense. Isto foge aos interesses mais imediatos desta dissertação mas, de qualquer forma, pode-se adiantar, as coincidências entre um e outro processo são muitas e não se limitam ao período histórico. Aliás, o *entrudo* se parece muito com os *meetings* e os “cordões e blocos organizados”, aos quais Silva se refere, com a Liga dos Canelas Pretas.

3.4. Olímpico e Beira-Rio: materializando as diferenças

3.4.1. A simbólica dos estádios

Paulo César, um dos executivos recentemente contratados pelo Grêmio para atuar na área de administração de finanças e de pessoal, definiu sua atividade, incluindo a de outros profissionais com funções próximas às suas, como *uma tentativa de racionalizar um segmento movido pelas paixões*. Para exemplificar sua asserção, evocou a *questão da administração dos estádios*, mais precisamente do Olímpico e do Beira Rio, pertencentes a Grêmio e Internacional, respectivamente. Mesmo sem revelar cifras, atitude que de resto se constitui num padrão idêntico ao gerenciamento de empresas de capital privado, Paulo César deixou claro que a manutenção dos estádios despense gastos excessivos que, se por um lado, não chegam a comprometer as finanças do clube, por outro, poderiam ser remediados com uma administração mais “racional” de um espaço considerado ocioso na maior parte do tempo. Afirmou, inclusive, que Porto Alegre não comporta dois estádios tão próximos, em áreas extremamente valorizadas pelo mercado imobiliário e nas dimensões do Olímpico e do Beira Rio.

Provavelmente, os dirigentes que idealizaram estes empreendimentos e os torcedores que os viabilizaram economicamente, atendendo às inúmeras campanhas publicitárias desencadeadas para tal finalidade, acreditavam no aumento ilimitado da população urbana, na afluência desta aos estádios e não contavam, ainda, com a

possibilidade de televisionamento dos jogos.⁵⁸ Seja como for, a paixão pelos clubes e a rivalidade entre eles não deixa qualquer dúvida acerca dos motivos pelos quais gremistas e colorados empenharam-se com tamanho afínco na materialização de uma noção de grandiloquência que ainda hoje é motivo de orgulho, comparativamente a torcedores de outros grandes clubes brasileiros e de anedotas entre si.

Embora não exista qualquer iniciativa em curso visando alterações substanciais na finalidade do Olímpico ou do Beira Rio, o que implicaria, necessariamente, num rearranjo arquitetônico e redefinição do espaço destinado aos torcedores, e, talvez, numa perspectiva mais arrojada, culminando com a extinção de uma ou outra praça futebolística, pode-se antever as inúmeras polêmicas em torno de um projeto desta natureza. Ainda segundo Paulo César, cedo ou tarde este problema haverá de ser enfrentado em benefício dos próprios clubes mesmo que, para tanto, uma série de resistências, definidas como *questão de mentalidade*, tenham de ser superadas.

O que o executivo gremista denomina “questão de mentalidade” pode ser entendida, numa perspectiva antropológica, a partir dos aspectos simbólicos que permeiam a relação dos torcedores com seus respectivos estádios e vice-versa. Diferentemente do que ocorre com a maioria dos chamados “grandes clubes” do futebol brasileiro, Grêmio e Internacional podem sediar jogos importantes em seus próprios estádios. Trata-se de uma espécie de atestado de “propriedade” que, por si só, é motivo de orgulho e distinção para os torcedores da dupla Gre-Nal (ver Tabela 3.10, na seqüência).

Ter estádio próprio é como possuir casa própria, com todas as conotações práticas e simbólicas que poderiam ser elencadas a partir da diferença entre “ser proprietário” e “ser inquilino”. Se é certo que todo inquilino pode moldar seu *habitat*

⁵⁸ Tinham boas razões para estas projeções, especialmente se se considerar que a troca da Baixada para o Olímpico foi iniciada na década de quarenta e a passagem do Eucaliptos para o Beira Rio foi concluída em 1969. Nesse período de aproximadamente trinta anos, a população de Porto Alegre triplicou - passando de 270.000, em 1940, para 880.000 habitantes, em 1970, segundo dados (arredondados) do IBGE - e seguiu crescendo à taxa 2,5% ao ano na década de setenta, quando o Olímpico teve, finalmente, fechado o seu “anel superior”. A crença de que os clubes necessitariam ampliar, periodicamente, a capacidade de seus estádios, pode ser deduzida a partir da “Nova concepção arquitetônica do Olímpico”, cuja pretensão era elevar para 140 mil a capacidade do Estádio, inicialmente projetado para 80 mil e que na época, como ainda não havia sido concluído, podia receber em torno de 40 mil torcedores (Revista do Grêmio, Março/Abril 1968). Já as transmissões televisivas, “ao vivo”, de jogos de futebol foram iniciadas, no Brasil, em 1970, por ocasião da Copa do Mundo do México. Antes disso, como na Copa do Chile, em 1962, os jogos eram filmados em Super 8 e depois convertidos em filmes, de forma que os espectadores acessavam às imagens com alguma defasagem, geralmente no dia seguinte à realização das partidas. De outra parte, tanto o Grêmio quanto o Inter contaram, além do apoio popular, com verbas públicas para a construção do Olímpico e do Beira Rio. Cf. Revista do Grêmio (nº 42, ano XVIII) e Revista do Sport Club Internacional (Edição Especial).

de acordo com sua própria subjetividade, e de fato o faz, também é verdade que os torcedores de clubes que não possuem um estádio particular procuram demarcar o espaço que lhes é destinado, mesmo que por um breve período de tempo, entre a chegada e a saída do estádio. Demarcam-no com suas presenças, em menor ou maior quantidade; através das cores, bandeiras, faixas; enfim, emblemas e símbolos com os quais se identificam “entre si” - compondo grupos geralmente definidos como “família”, “nação” ou “galera” - e contrastam com os “outros”; e também, por meio de cânticos, xingamentos, coreografias, em suma, diferentes formas de expressar e partilhar o sentimento de pertença. Contudo, tal qual o inquilino, não dispõem, a rigor, de autoridade para engendrar qualquer alteração substancial na concepção arquitetura do imóvel.

Tabela 3.10

Os clubes de maior torcida e seus respectivos estádios

Clube*	Estádio	Capacidade do Estádio**
Flamengo	Gávea	8.000
Corinthians	Fazendinha	15.000
São Paulo	Morumbi	80.000
Vasco	São Januário	35.000
Fluminense	Laranjeiras	8.000
Palmeiras	Parque Antártica	32.000
Botafogo	Caio Martins	12.000
Atlético -MG	não possui	-
Cruzeiro	não possui	-
Santos	Vila Belmiro	30.000
Internacional	Beira Rio	85.000
Grêmio	Olímpico	60.000
Bahia	não possui	-
Sport	Ilha do Retiro	60.000
Santa Cruz	Arruda	80.000

* Clubes em ordem decrescente de posição no ranking das torcidas (Fonte: Placar nº 1088)

** Capacidade oficial dos Estádios (Fonte: Placar nº 1127-A)

É evidente que tal comparação tem seus limites mas pode, ainda assim, ser útil para diferenciar a relação que colorados e gremistas estabelecem com seus respectivos estádios comparativamente a outros torcedores cujos clubes não dispõem de “casa própria”. A frequência com que Olímpico e Beira-Rio aparecem como objeto de anedotas e jocosidades, em geral, revela o quanto a questão do patrimônio é relevante

para ambas as torcidas. Embora seja difícil estabelecer uma comparação mais detalhada com outras rivalidades regionais - eixo Rio-São Paulo, por exemplo - esta recorrência parece implicar uma peculiaridade da rivalidade Gre-Nal.⁵⁹

Existe ainda um segundo elemento de distinção - se considerarmos como primeiro as noções de prestígio e grandiosidade associadas aos “proprietários” - entre os clubes que possuem estádio particular e outros que não os têm, geralmente identificado como “fator local”. Num contexto em que os jogos simulam um enfrentamento bélico - “cada time é ‘dono’ de cada metade do campo (...). Cabe-lhe avançar, preencher os vazios, ocupar espaços, atacar, atirar, invadir os ‘últimos redutos’ do adversário e fazer cair sua ‘cidadela’” (...) (Soares, 1979:13) -, jogar “em casa” seria como guerrear em território próprio. Assim, espera-se do “time da casa” a iniciativa de atacar primeiro o adversário, metaforicamente, um forasteiro que espreita, à distância, o comportamento do contendor na expectativa de que este cometa, individual ou coletivamente, um erro estratégico ou de execução para então fulminá-lo no contra-ataque. O domínio do espaço e o controle territorial do jogo constituem-se, via de regra, numa atribuição e não raro numa obrigatoriedade da equipe local. Esta, além de contar com a torcida a seu favor, dispõe de outras prerrogativas como, por exemplo, o conhecimento prévio do próprio campo - as dimensões exatas de sua extensão, eventuais falhas no gramado, defeitos de luminosidade, pontos de referência fixados fora do campo propriamente dito, entre outras - e, principalmente, o domínio de um espaço oculto, do vestiário, da concentração, enfim, de setores nos quais os torcedores não têm acesso e tampouco visibilidade, mas acreditam decisivos. Esses espaços, verdadeiras trincheiras, são também associados ao contingente e não raro ao sobrenatural, componentes ao mesmo tempo temidos e desejados especialmente em se tratando do futebol brasileiro. O subsolo, o que está “em baixo”, “invisível”, é considerado um espaço cujo controle é atribuído à equipe local, ela tem a noção exata dos lugares ocupados pelo visitante enquanto a recíproca nem sempre é verdadeira.

Nesta perspectiva, o clube local e em especial o “proprietário” dispõe de todas as vantagens possíveis e imagináveis, desde aquelas eminentemente práticas - é comum ocorrer sabotagens como o corte de energia elétrica antes, no intervalo ou no final dos

⁵⁹ Nenhum dos inúmeros xingamentos listados e interpretados por Toledo (1995:79-94), tendo os torcedores dos “grandes clubes” de São Paulo como universo privilegiado, se refere à questão do patrimônio. Antes de supor um lapso do etnógrafo, é preferível considerar tal ausência como um indicativo de que, entre os rivais paulistas, a questão do patrimônio apresenta-se como secundária ou irrelevante, sendo preterida em relação a outros símbolos com os quais os clubes são identificados.

jogos; hostilidades por parte dos funcionários do clube mandante e restrições de espaço - até outras, de caráter intimidativo e emotivo nas quais poder-se-ia incluir desde os “despachos”, freqüentemente colocados no vestiário adversário, até noções de confiança, hombridade, superação e sorte. Quando os gremistas, depois de derrotados e hostilizados pela Portuguesa e seus respectivos torcedores no Morumbi, em São Paulo, no primeiro jogo da final do Campeonato Brasileiro de 1996, se confortavam dizendo que *no Olímpico o furo é mais embaixo (...), lá as coisas serão diferentes (...), ainda temos o jogo de volta (...)*, e assim por diante, expressavam todo o simbolismo subjacente ao domínio territorial. Observa-se, através destas manifestações, como o componente local aparece como determinante, deixando antever que o time, por si só, talvez não reunisse qualidades suficientes para reverter o placar adverso do jogo de ida.

Neste aspecto, tanto o Grêmio quanto o Inter se representam como beneficiários do “fator local”, inclusive quando jogam entre si. Ao contrário do Pacaembu, Mineirão e Maracanã e até mesmo do Morumbi, considerados “neutros”, até mesmo para equipes visitantes, Olímpico e Beira-Rio são parciais, pertencem e, como tal, são fator de desequilíbrio favorável a gremistas e colorados, respectivamente.

Um terceiro componente da simbólica dos estádios e aquele que desperta maior interesse no âmbito desta dissertação, refere-se às diferenças entre o Olímpico e o Beira-Rio em termos da distribuição dos espaços destinados aos torcedores. Parto do pressuposto de que a organização espacial não se limita a uma comodidade técnica mas, como escreve Leroi-Gourhan, também constitui, “a mesmo título do que a linguagem, a expressão simbólica de um comportamento globalmente humano” (1965:131). Assim, os estádios da dupla Gre-Nal, como qualquer *habitat* humano, correspondem a uma “tripla necessidade: a de criar um meio tecnicamente eficaz, a de assegurar um enquadramento ao sistema social, e a de ordenar, a partir de um ponto, o universo circundante” (:131). Mais que isto, tanto o Olímpico quanto o Beira-Rio são a “casa” de seus torcedores e, como tal, revelam aspectos importantes de como cada um dos clubes pensa, distribui e hierarquiza seus espaços e, por extensão, aqueles que os ocupam.

O Estádio Olímpico Monumental, com capacidade estimada em 60.000 espectadores, foi iniciado nos primeiros anos da década de cinquenta. Uma intensa campanha para arrecadação de fundos, consistindo, basicamente, na doação do valor correspondente a uma saca de cimento, mobilizou os torcedores de vários pontos do Estado e, em pouco tempo, a Vila Caiu do Céu se transformou no Largo dos Campeões nº 1, o endereço oficial do Grêmio. Coincidência ou não, as obras foram iniciadas na

gestão do presidente Saturnino Vanzelotti, o mesmo que contratou Tesourinha, ou seja, num período de profundas alterações na vida política do clube. Quando a primeira parte do estádio foi concluída, em 1954, o futebol gaúcho permanecia sob o domínio colorado. Em grande parte devido à mobilização de seus torcedores, o Grêmio conseguiu, em pouco tempo, atualizar-se patrimonialmente e reverter um quadro desfavorável em termos futebolísticos. Grosso modo, isto se repetiria no final dos anos 70. Enquanto o Inter sagrava-se octacampeão regional e tricampeão brasileiro, Hélio Dourado decidia pela continuidade das obras do Olímpico. Portanto, só no início dos anos oitenta, também caracterizada como a “década gremista”, é que o Grêmio tem seu estádio concluído e seus títulos mais importantes conquistados - Campeão Brasileiro, da Libertadores de América e do Mundial Interclubes. Novas alterações substanciais só ocorreriam no início dos anos noventa, quando as arquibancadas superiores vibravam com tamanha intensidade que o Olímpico se tornou alvo fácil para os colorados: *Hi, hi, hi, chiqueiro vai caí!* A interdição imposta pela prefeitura foi sustada depois de algumas reformas. Cadeiras foram colocadas no lugar das referidas arquibancadas de cimento e, assim sendo, todo o anel superior foi tomado por cadeiras e, conseqüentemente, a capacidade do Olímpico foi reduzida.⁶⁰ Pouco depois desta reordenação do espaço, o Grêmio “caiu” para a segunda divisão Nacional, de onde “ressurgiria”, no ano seguinte, para repetir, no período subsequente, os mesmo feitos da década de oitenta - exceto o Mundial Interclubes.

Enquanto o Grêmio, no início dos anos cinqüenta, trocava o bairro Moinhos de Vento por uma zona limítrofe entre o bairro Azenha e o Medianeira, especialmente este último, com um perfil proletário e, portanto, sem o status da antiga Baixada, o Inter acumulava títulos regionais e vitórias em grenais como em nenhum outro período de sua história. O Rolo Compressor e, depois, o Rolinho⁶¹ eternizaram o Eucaliptos, cujas ruínas ainda são motivo de discussões entre a direção colorada e a Prefeitura de Porto Alegre.⁶² Ainda em meados da década de cinqüenta, por iniciativa do então vereador e

⁶⁰ Em 1981, pelas semifinais do Campeonato Brasileiro, contra a Ponte Preta, o Olímpico foi tomado por 88.000 pagantes, registrando o maior público de toda sua história (Placar, nº 1088).

⁶¹ Apelido da equipe colorada, na década de cinqüenta, sucessora do Rolo Compressor.

⁶² Na verdade, tanto o Grêmio quanto o Inter possuem áreas públicas ocupadas indevidamente. Recentemente, a Prefeitura, através de seu vice-prefeito, José Fortunatti, tomou a iniciativa de procurar os clubes para entrar em acordo, como mostra a série de reportagens publicadas pelo Correio do Povo: “Prefeitura investiga dupla Gre-Nal: Clubes são acusados de invadir área pública. Fortunatti descobre que o Grêmio estaria negociando a venda de terreno doado” (13/1/97); “Prefeitura já tem projeto para área invadida/ Campos de treinos do Inter instalados em área pública” (14/1/97); “Capim, galinhas e até cobras tomam conta do que um dia foi o Eucaliptos/O estádio dos Eucaliptos: parte da história do Inter está sepultada neste local” (15/1/97); e, “O Grêmio e o *shopping*” (16/1/97).

mais tarde presidente do Inter, Ephraim Pinheiro Cabral, o clube obteve uma concessão para aterrar sete hectares do rio Guaíba. As obras só tiveram início anos mais tarde e se estenderam até 1969. Durante este período, o Grêmio assumiria a hegemonia do futebol no Estado enquanto os colorados, *torcendo pelos pedreiros*, além da “flauta” habitual, motivada pelos péssimos resultados em campo, eram importunados pelos gremistas com um trocadilho irônico que entraria para a história desta rivalidade. Para arrecadar fundos e dar continuidade às obras, o Inter, colocou à venda, antecipadamente, “cadeiras cativas” ou “bóias cativas”, como se popularizaram, por intermédio dos tricolores, as futuras instalações do Beira Rio.

Poucos acreditavam que a obra seria levada a bom termo, até mesmo alguns colorados. Entretanto não esmoreceram, mas, pelo contrário, empenharam-se com mais vigor a partir das ironias gremistas e, através de doações, em espécie ou em mercadorias, cimento e tijolos foram se acumulando e dando forma ao atual Beira-Rio. Dois meses depois da inauguração, o Inter conquistaria seu primeiro título da “era Beira-Rio”, um fato que haveria de ser repetido inúmeras vezes ao longo dos anos setenta.

Este breve panorama, resgatando os principais momentos da trajetória Gre-Nal desde a década de cinquenta, evidencia a estreita correspondência entre os investimentos patrimoniais e a performance futebolística de cada agremiação em particular. A alternância de posições, seja ela mediada pelos resultados ou pelas obras, demonstra, mais uma vez, a competitividade subjacente a esta rivalidade e reforça a idéia de que o Grêmio e o Inter constituem uma totalidade indissociável. Esta noção de totalidade pode ser melhor visualizada através das diferenças que especificam e opõem os dois clubes a partir dos espaços que cada qual destina para seus torcedores.

3.4.2 *Coréia e camarotes: os espaços diacríticos*

Lancei uma hipótese, quase no final do segundo capítulo, de que os clubes se constituem, para os torcedores, em categorias do entendimento, não apenas porque os clubes são muitos e o futebol é popular no Brasil mas, principalmente, porque os clubes estão vinculados às noções de “raça” e “classe social”, como é o caso particular do Grêmio (elite/branco) e do Internacional (povo/negro). Neste capítulo, demonstrei estatisticamente que esta diferença inexistente, pelo menos em relação à classe social, e passei a descrevê-la como “inventada” e posteriormente reforçada num contexto

histórico bem específico. De mais a mais, apesar de rivais, Grêmio e Inter têm muito mais coisas em comum do que se poderia esperar, inclusive em termos patrimoniais. Todavia, o Olímpico e o Beira Rio apresentam certos contrastes que reforçam as diferenças entre elite/popular. E o que é mais importante, esta mesma distinção é recorrente se tomado um ou outro estádio isoladamente. Ou seja, “clube do povo” sim, desde que o “povo” permaneça no seu devido lugar.

As razões pelas quais tais diferenças persistem podem ser melhor compreendidas fazendo uso da noção de “sinais diacríticos”, embora este conceito tenha sido forjado a partir da problemática da etnicidade (Carneiro da Cunha, 1986). A escolha e o uso das noções de “raça” e de “classe social” para diferenciar o Grêmio do Inter certamente não são aleatórias e, mesmo podendo situá-las historicamente, é impossível prever até quando serão eficazes; como já advertiu Lévi-Strauss em relação às questões gerais envolvendo identidades sociais. De qualquer forma, “raça” e “classe social” são noções notadamente presentes no cotidiano da rivalidade Gre-Nal, como se pode perceber através das diferentes segmentações dos espaços e dos torcedores nos estádios.

Tanto o Olímpico (Figura 3.1, a seguir) quanto o Beira-Rio (Figura 3.2, idem), diferentemente da Baixada e dos Eucaliptos, possuem várias segmentações espaciais. O valor do ingresso é apenas um dos elementos que estabelece, de antemão, a diferença e a hierarquia entre os torcedores de um mesmo clube. A cada espaço corresponde uma visão diferenciada do espetáculo e, simultaneamente, formas distintas de manifestar apreço ou discordância em relação ao desempenho da equipe. Tomando o Olímpico como exemplo, pode-se perceber a nítida fragmentação dos olhares e a multiplicidade de gestos, atitudes e comportamentos.

Figura 3.1
Estádio Olímpico Monumental

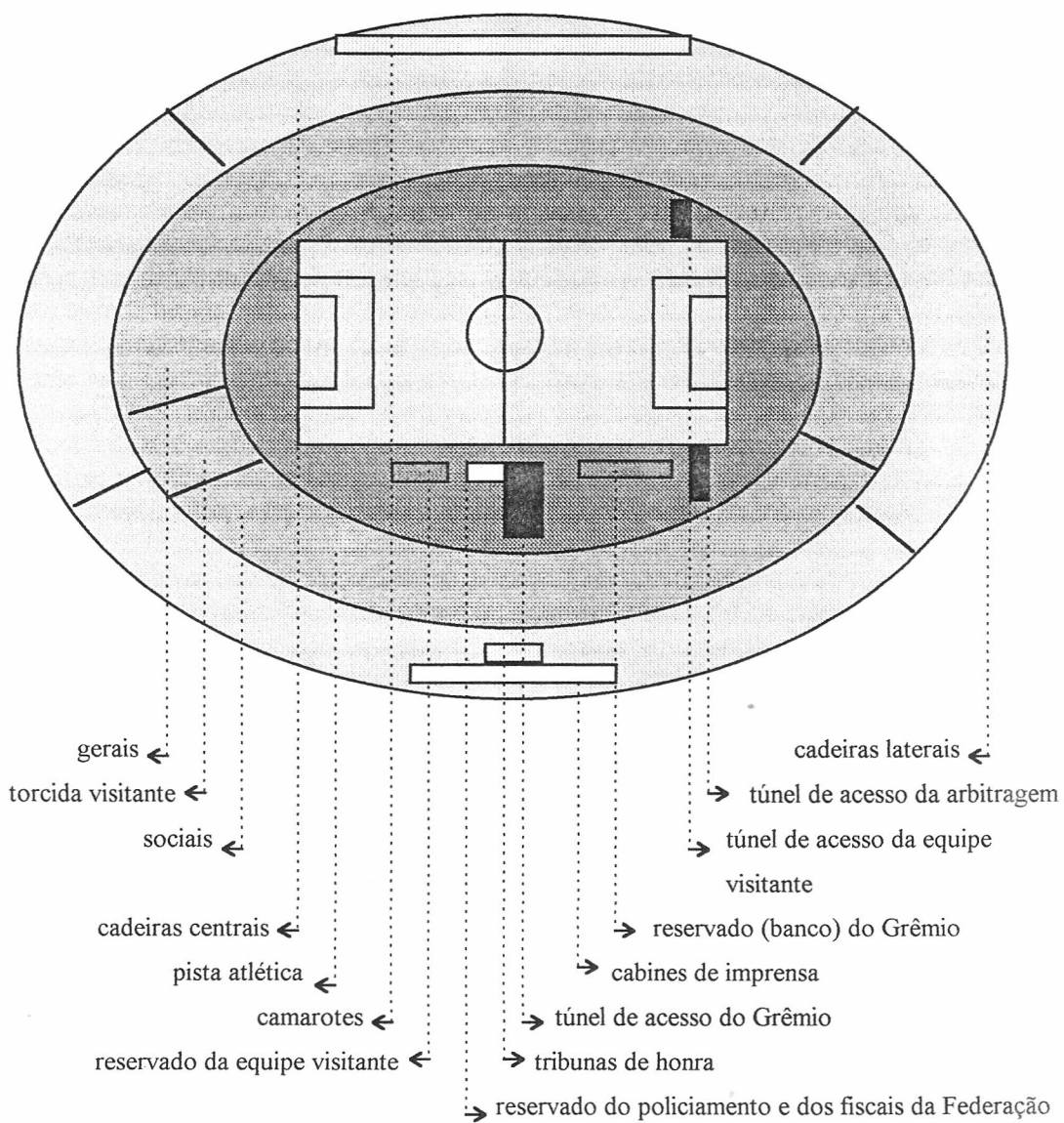
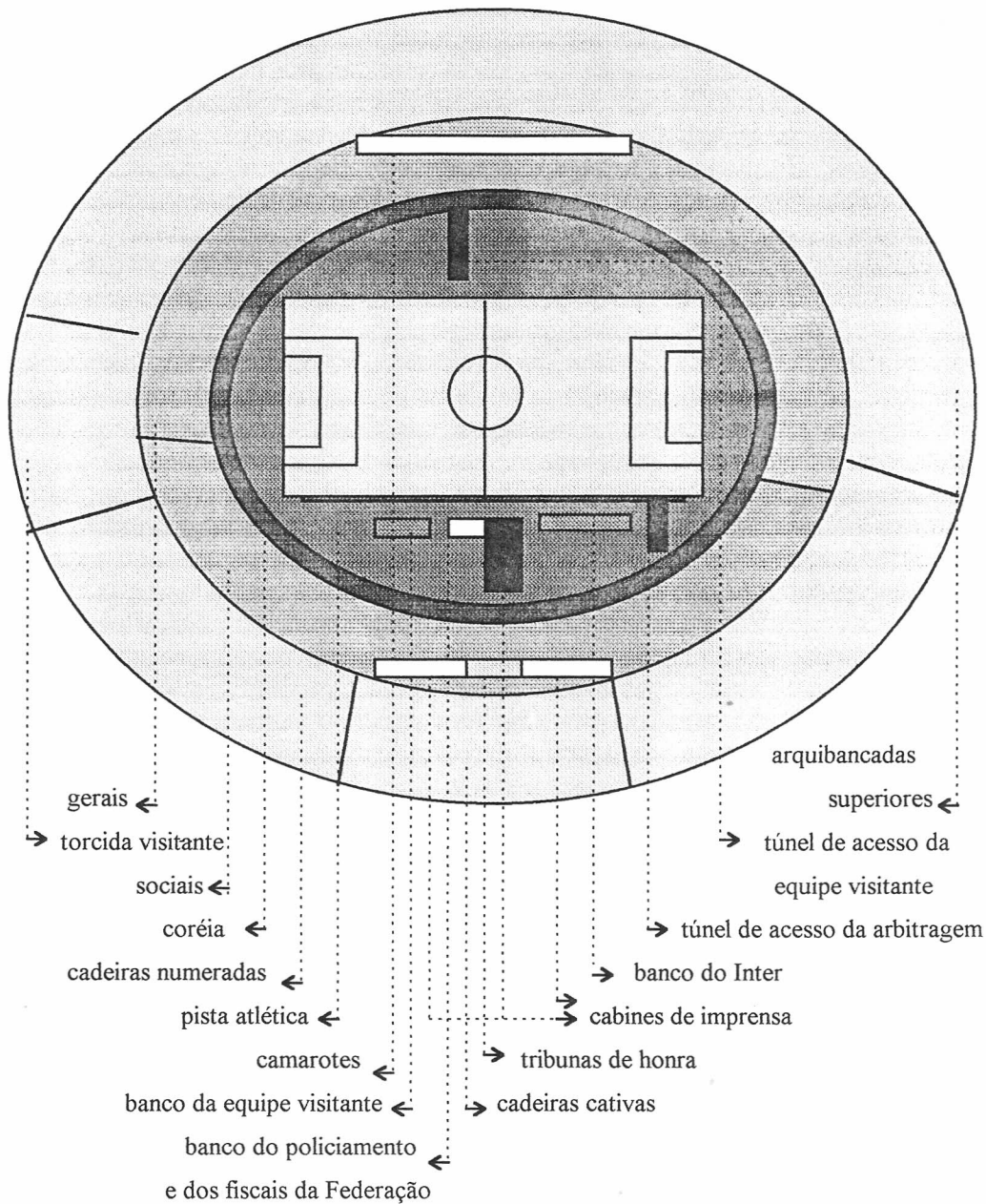


Figura 3.2
Gigante da Beira Rio



A partir da última reforma geral, em 1992/93, o estádio do Grêmio passou a ter seu anel superior completamente tomado por cadeiras. As chamadas cadeiras numeradas (cativas) estão situadas de frente para o gramado tendo seus proprietários ou

locatários uma visão panorâmica do jogo; a vista “superior” permite a apreensão mais acurada das manobras táticas das equipes e, conseqüentemente, subsídios para uma interpretação diferenciada, “racionalizada”, da dinâmica do embate. Numa linha imaginária projetada a partir do centro do gramado se encontram as tribunas de honra, destinadas aos dirigentes, convidados e conselheiros ilustres e, acima delas, apenas as cabines de imprensa. Como os lugares são valorizados partindo-se da periferia para o centro e de baixo para cima, esta configuração pressupõe gradientes diferenciados de legitimidade sobre a interpretação do jogo. Quem vê do alto e do centro vê “coisas” que quem está em baixo e na periferia não vê, à medida que perde-se a noção de profundidade, dizem os comentaristas esportivos em geral. E, a partir disso, como afirma Soares (1979),

Tentam oferecer a sua versão como verdadeira, buscando reduzir a pluralidade das percepções do jogo à sua visão onipotente. E, através dos “comentários”, procuram conjugar o acaso, domesticar o arbitrário próprio dos jogos, impondo a posteriori um princípio de causalidade “natural”, submetendo os fatos heteróclitos à ordem tautológica (no caso) da determinação e da necessidade (:12).

No lado oposto, onde antigamente se encontravam as arquibancadas superiores agora estão as cadeiras centrais e, acima delas, os camarotes. Estas cadeiras não são numeradas e tampouco nomeadas, como as cativas e, portanto, a cada jogo, seu público varia significativamente. Enquanto os freqüentadores das cativas e dos camarotes - locados por período determinado - se conhecem uns aos outros à medida que ocupam lugares fixos, preestabelecidos e assegurados, o público das centrais é formado *ad hoc*. O sol escaldante e o poente às vezes ofusca a visão de quem se encontra nas centrais e, talvez por isso, as cativas e as tribunas estejam do lado oposto.

De qualquer modo, as cadeiras em geral, mesmo aquelas situadas atrás das goleiras, demarcam com precisão o espaço destinado a cada torcedor. Nada de disputas e acotovelamentos, como ocorre no anel inferior. Ali, das cadeiras, cada torcedor tem seu lugar assegurado; poderá freqüentar o bar e os sanitários sem correr riscos de ver seu espaço usurpado. Em geral, a distância em relação ao campo e ao torcedor do lado, determina um comportamento mais contemplativo, distanciado e individualizado, bem diverso do que ocorre no andar de baixo.

Não é mera contingência que as torcidas organizadas do Grêmio ocupem as arquibancadas inferiores ou, simplesmente, gerais. Elas são, por iniciativa própria ou por atribuição consensual, responsáveis pelo “agito”; palavras de ordem, xingamentos e

coreografias. Delas partem, em geral, as manifestações de apoio ao time, seguidas, nesta ordem, pelos demais ocupantes das gerais, das sociais e, por fim, pelos do andar de cima. A “ola” - o feito dominó produzido pelo contraste concatenado entre sentar/pôr-se em pé -, por exemplo, sempre inicia com os torcedores das gerais e nem sempre se completa com os torcedores das cadeiras, fato este passível de protesto. As “organizadas”, tendo suas próprias coreografias, dificilmente iniciam a “ola” e dela nem sempre participam ou, quando a Super Raça o faz a Jovem não, e vice-versa. Só quando a “ola pega”, e isto requer uma certa insistência, é que as “organizadas” aderem. Trata-se de uma espécie de “narcisismo das pequenas diferenças”, às vezes levado às últimas conseqüências.

Quando as vaias partem ou são endossadas pelo público das cativas e, em menor escala pelo da social, supostamente os mais identificados com o clube, é indício de que a relação gremistas-Grêmio-dirigentes-comissão técnica-jogadores está conturbada. Os torcedores das gerais, têm maior liberdade e legitimidade para vaiar; segundo dizem os dirigentes, pois *aí estão os que sacrificam seu dinheirinho prá vir ao estádio e, portanto, a vaia é um direito deles*. Contudo, não se deve entender tal permissividade como dádiva ou concessão. Nas entrelinhas, especialmente os dirigentes, fazem crer que este é o *típico torcedor apaixonado*, uma caracterização que objetiva desqualificar a referida manifestação. A lógica bastante simplista sugere que, quem vê das gerais não pode mesmo entender a dinâmica do jogo e, por extensão, as dificuldades oferecidas pelo adversário. *Povão quer ver gol e ponto final*, dizem alguns dirigentes e até mesmo alguns comentaristas esportivos que, não raro, usam esses “torcedores” para veicular suas opiniões - mais ou menos como o uso do “povo” pelos políticos. Porém, a vaia das sociais é considerada como um protesto que vem de “dentro”, de iguais, de gremistas para gremistas. Se o público das cativas também adere aos protestos é motivo para mudanças na comissão técnica e até dos dirigentes ligados ao futebol.

As “organizadas” também não vão o time do Grêmio, ou não são orientadas para tal; a resignação parece constituir o ônus do acesso subsidiado pelo clube. São delas porém, que partem, freqüentemente, os cânticos e xingamentos mais insultantes; como esses, a seguir, quando o adversário é o Inter.⁶³

Atirei um pau no Inter

⁶³ Quando ocorre Gre-Nal, o espaço destinado à torcida visitante é ampliado, seja no Olímpico ou no Beira Rio. Cadeiras cativas, sociais e camarotes não mudam, mas o restante dos espaços são, em geral, divididos meio a meio, até mesmo para evitar que torcedores rivais fiquem sobrepostos, impedindo que objetos sejam arremessados de cima para baixo.

E o Inter se fudeu
Macacada, filha da puta
Chupa rola e dá o cu
Hei, Inter
Vai tomá no cu!
*Olê Grêmio! Olê Grêmio!*⁶⁴
(Na melodia de “Another brick in the wall”, Pink Floyd.)

Explode chiqueirão
Prá soltá, a macacada
Eu vô chamá o Ibama
Prá dá banana prá torcida colorada!
Explode (...)
(Na melodia de “Explode Coração”, samba-enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, 1989. É cantado em grenais no Beira Rio.)

Adeus colorado
Feliz gauchão
Que tudo se realize
No âmbito regional
Mas nunca se esqueça, macaco
Eu sô campeão mundial!
(Na melodia de “Adeus ano velho/Feliz ano novo”. Cântico recorrente nos anos oitenta, segundo depoimento de Edson, colorado, ex-integrante da Camisa Doze do Inter.)

Colorado, favelado, ladrão.
Dá o cu pra um gremistão!
(Xingamento)

É difícil precisar a razão pela qual esses cânticos - só listei aqueles que são dirigidos especificamente aos colorados - hostis e permeados de “palavrões” partam, quase sempre, das “organizadas” do Grêmio e não raro fiquem restritos a elas. Talvez porque os torcedores que participam das organizadas sintam-se mais protegidos - dificilmente alguém se atreverá a contestá-los - e assim possam servir como porta-vozes para os demais torcedores, especialmente para os do andar de cima, onde raramente se

⁶⁴ O termo “macaco” tem cunho notadamente racista; um eufemismo para substituir “negro”, “negrada” e assim por diante. É difícil precisar quando foi inventado mas acredito que desde os anos quarenta os colorados sejam assim referidos. De qualquer forma, no final dos anos sessenta o termo já era de domínio popular, como indica um dos versos de “Desafio Gre-Nal”, uma trova gravada por Teixeira e Méri Terezinha mais ou menos nessa época. “(...) Faz um velho ficar novo/Vocês prá nós é barbada/Teu time é perna de pau/São uns frio não joga nada/Dez minutos bate a sede/O Grêmio é uma parede/Põe cinco golos na rede/termina com a macacada.”

ouve um xingamento nos termos citados.⁶⁵ É também das “organizadas” do Inter que surgiu, recentemente, uma tentativa de assimilar o racismo, mas isto necessita ser melhor contextualizado e o momento mais apropriado será o último capítulo.

A rigor, o que foi dito sobre o Estádio Olímpico poderia, em linhas gerais, ser estendido ao Beira-Rio. Como o objetivo aqui não é uma comparação *tête-à-tête*, convém fixar uma diferença que, por ser contrastiva, acaba prevalecendo sobre as demais. Até no que se refere aos cuidados para proteger do sol os torcedores mais ilustres, Grêmio e Inter estão empatados. Porém, enquanto o primeiro se orgulha das tribunas e camarotes, incluindo o serviço de copa considerado um dos melhores do Brasil, o segundo se exhibe por ter em seu estádio um espaço popularmente conhecido como “coréia”; embora os bilhetes de acesso a definam como “popular”, para, quem sabe, salvaguardá-la das menções pejorativas a ela associadas, extensivas também a seus frequentadores.

Com capacidade estimada para 15.000 torcedores - “com 5.570 metros lineares ocupados, na média de 2.69 espectadores por metro (...)” (Beira Rio 25 Anos:13) - a “coréia” circunda a pista atlética, adjacente ao gramado, e dela é separada por um fosso e uma cerca de arame farpado para impedir as invasões de campo. Também existe uma murada seguida de arame para impedir que os “coreanos” saltem para as arquibancadas inferiores, estratégia de muitos adolescentes e que se constitui numa espécie de espetáculo à parte, antes do início dos jogos. Há quem vá para a “coréia” pelo prazer da aventura, para burlar os policiais e assistir de um local mais privilegiado pagando o mínimo possível. *Se quisesse podia ir até de superior, mas gosto mesmo é da aventura...* me confessou um adolescente cujo nome não tive tempo para perguntar; quando pensei em fazê-lo já não o tinha ao meu lado, mas dependurado na tal cerca. Há outros mais resignados e até mesmo convictos do lugar que ocupam, como um jovem que se negou a saltar com o grupo do qual fazia parte, afirmando que tinha orgulho de ser popular e, portanto, iria permanecer onde estava.

⁶⁵ Em geral, esses cânticos e xingamentos mais hostis limitam-se ao espaço dos estádios. Em meio à efervescência, até mesmo os gremistas negros ou de origem proletária se juntam ao coro. Fora dos estádios, porém, onde os sentimentos de pertença são mais frágeis, podem gerar constrangimentos. Numa viagem a São Paulo, por exemplo, os torcedores da Super Raça recolheram o lixo do ônibus e alguém arremessou os sacos pela janela, no meio do caminho. Entre trocas de acusação, alguém sugeriu que aquilo “só podia ser coisa de macaco (negro)”. Não sei quem foi este “alguém”, pois não estava nesse mas no outro ônibus que transportava os torcedores. Fiquei sabendo do ocorrido por intermédio de Donato, 16 anos, que lamentou o episódio: *isso é baixaria, é racismo... tão dizendo que fui eu que toquei o saco de lixo pela janela só porque só negro!*

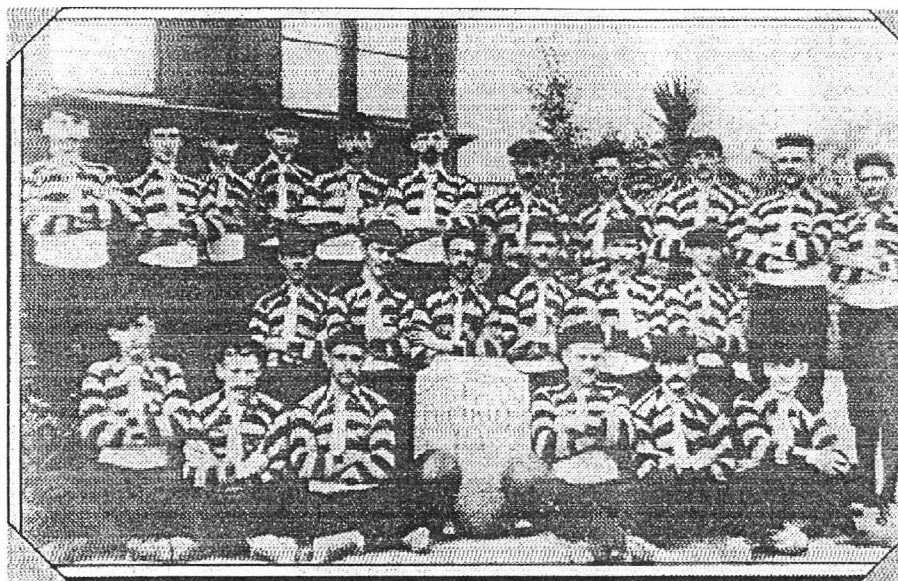
Se da “coréia” não se tem noção de profundidade, pois se está no mesmo nível do campo, em compensação, pode-se xingar ou incentivar os jogadores, “bandeirinhas” e comissão técnica pois, com certeza, o interlocutor estará ouvindo. Por esta e outras razões, a “coréia” sugere uma apreensão do jogo extremamente fragmentada e, assim sendo, tida como suscetível às reações emotivas. De fato, aqueles torcedores em pé, grudados uns nos outros, muitas vezes ouvindo em duplas ou em trios as transmissões pelo rádio ou, de outro modo, com aparelhos diferentes sintonizados em emissoras igualmente diversas, contrasta com os *walkmans* e as cadeiras numeradas. Parece haver um acordo tácito entre os torcedores da “coréia”; eles partilham algo mais do que o apreço pelo seu clube, partilham também uma determinada condição de classe, atitudes e comportamentos. Quando o gol do time acontece, a etiqueta não sugere gestos contidos, sorrisos largos ou murros para o alto; na “coréia”, se urra, se corre, se salta. Talvez ali, empregado e empregador pudessem comemorar abraçados, se este último não estivesse lá no alto e, de lá, irônica e contemplativamente, a regozijar-se pela festa que se faz cá embaixo.

Por tudo isso, a “coréia” é diferente e, enquanto existir, os colorados terão respaldo para afirmar, como sugere o hino do clube, que pertencem ao “clube do povo do Rio Grande do Sul”. Nem mesmo a construção dos 19 camarotes no segundo semestre de 1997 parece desmentir esta crença. É que o Inter é o único clube brasileiro com estádio privado que mantém sua “popular”.

Por fim, é preciso colocar algumas dúvidas acerca de uma versão amplamente aceita, segundo a qual, no estádio desaparecem as diferenças e os preconceitos em detrimento de um sentimento lúdico e festivo. Se existem momentos de intensa sociabilidade, em que o sentido de pertença faz desaparecer, temporariamente, noções *a priori* de status e hierarquia, não é menos verdade que a distribuição espacial recompõe, num momento subsequente, as categorias que aparentemente haviam sido suplantadas. A crença de que patrão e empregado alegram-se ou entristecem-se abraçados constitui-se numa ficção, até certo ponto romântica, pois embora ambos possam torcer para um mesmo clube e freqüentar um mesmo jogo, provavelmente, ocuparão espaços diferenciados, o primeiro, no andar de cima e o “outro”, no andar de baixo. E isto vale tanto para gremistas quanto para colorados.

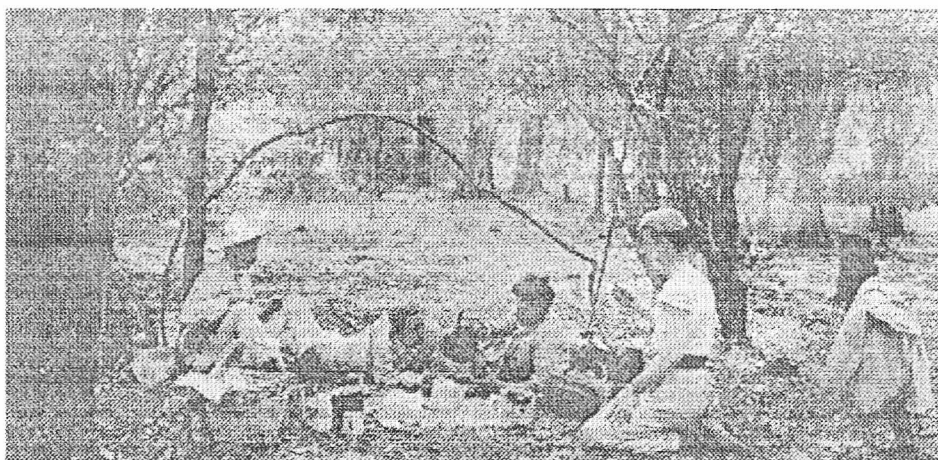
Assim que concluir a leitura deste parágrafo, o leitor poderá retomar a epígrafe do capítulo e reencontrar-se com o preto e o branco discutindo o “ranca”. Não quero sugerir com isso que eu tenha percorrido uma circunferência e, finalmente, chegado ao

ponto de onde parti. Tampouco que o que foi dito aqui esteja condensado no texto de Verissimo. Ou talvez esteja, e por isso mesmo foi citado em epígrafe. Seja como for, o Gre-Nal está em pauta há quase noventa anos e, por mais discutido que tenha sido, ainda se está distante de saber quem é o melhor, se o Inter ou o Grêmio. Por isso o preto e branco seguirão discutindo e deles poder-se-ia dizer muitas coisas além das que foram ditas sobre gremistas e colorados ao longo deste capítulo. O que não se pode dizer, contudo, é que o “ranca” é “coisa do futebol”. Não, o “ranca”, ou melhor, o duelo verbal acerca do Gre-Nal é, antes de tudo, uma forma de manifestar, publicamente, o que se pensa sobre si mesmo e sobre os outros. E tanto melhor que o Gre-Nal exista, pois assim pode-se expressar mais abertamente determinados valores, atitudes e sentimentos primordiais e, portanto, “muito sérios”, como se fossem futilidades; “coisas do futebol”, da “rivalidade Gre-Nal”.



O team gremista, em 1904, em pose encomendada pelo Intendente Municipal Dr. José Montaury para exibi-la na Exposição Internacional de Saint Louis, nos Estados Unidos como símbolo da modernidade porto-alegrense (in: História do Grêmio, nº 1).

No alto: Alberto Knewitz, Alfredo Cattaneo, José Mussnich, Guilherme Kalfelz, João Knewitz, Augusto Koch, Carlos Bohre, Otto Mussnich, Fernando Strehlau, Oswaldo Siebel e Pedro Cleres;
no centro: João Geske, Pedro Schuck, Joaquim Ribeiro, A. Becker, Jacob Molter e Leopoldo Diefenthaler;
sentados, Guilherme Kraemer, Guilherme Uhrig, Alvaro Brachado, Alberto Siebel, João Stelczyck e Frederico Panitz.

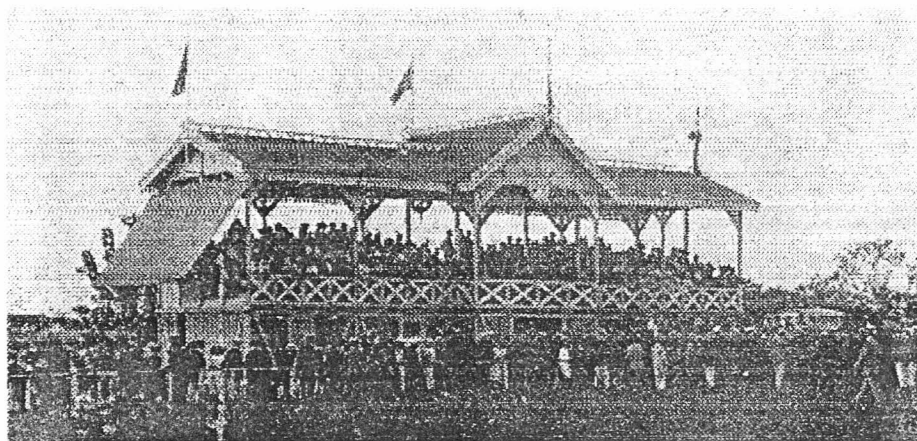


Frederico Panitz (ajoelhado), sócio-fundador e *player* gremista, com seus amigos, no bucólico matagal da Mostardeiro, em 1906 (in: História do Grêmio, nº 1).

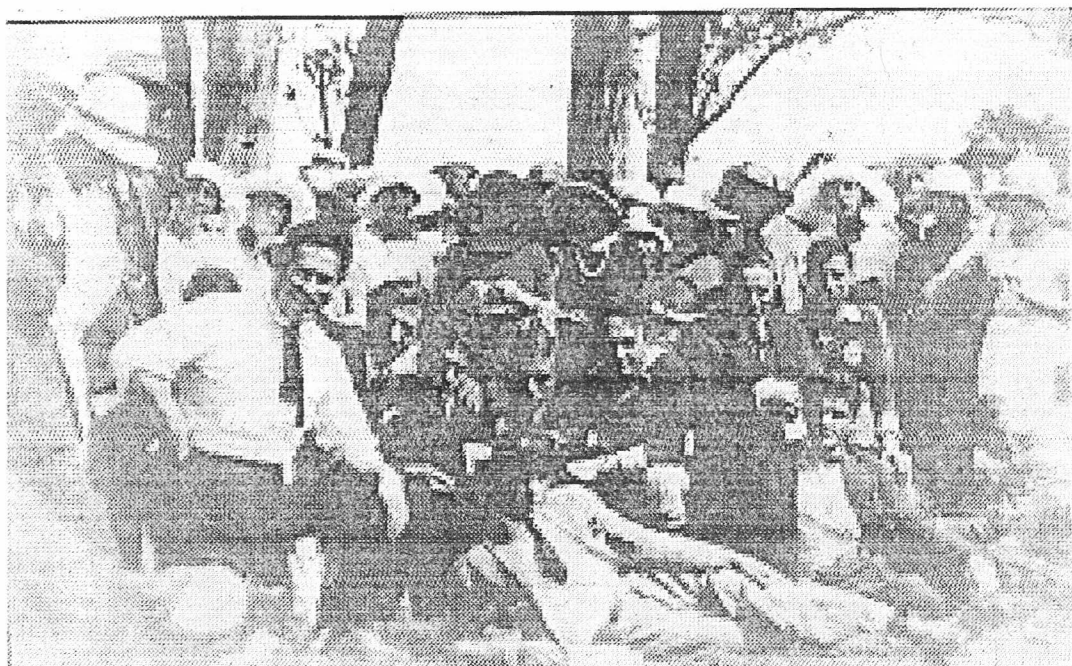


A influência do remo e dos teuto-brasileiros no futebol e no Grêmio: acima, os atletas do Sport Club Germânia, elite do futebol paulista no princípio do século (in: História do Clube Pinheiros). Abaixo, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, tricampeão do Wanderpreis, 1904-6 (in: História do Grêmio; nº 1).





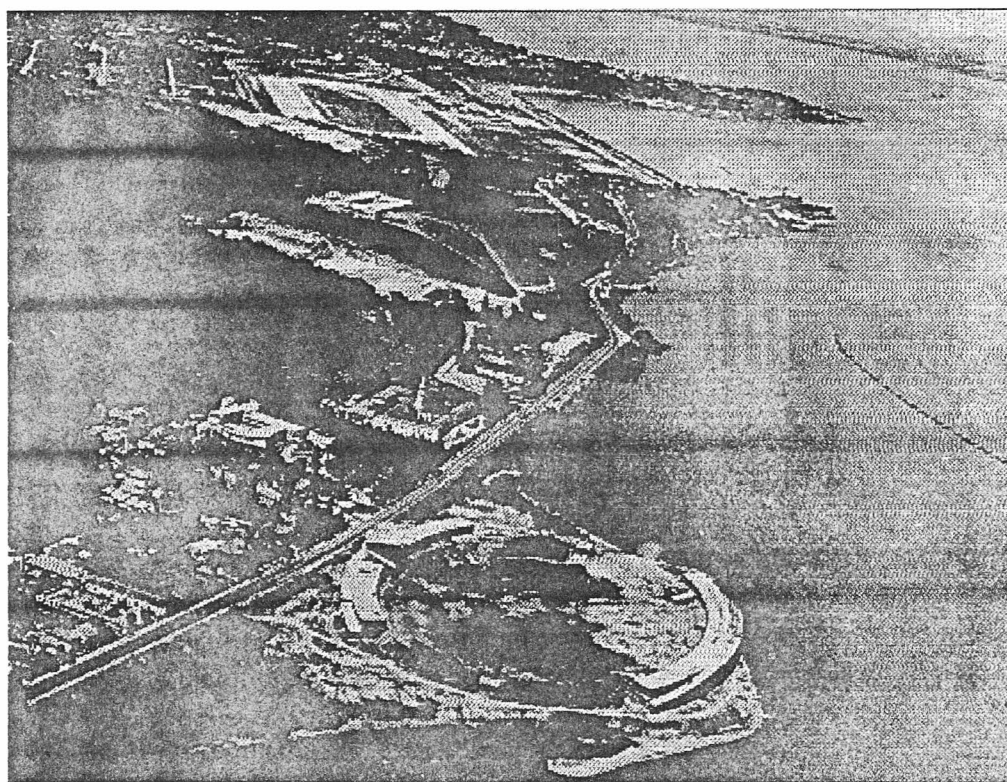
O primeiro pavilhão social, construído em 1904: sinal de “ordem e progresso” da família gremista (in: História do Grêmio, nº 1).



Jogadores e torcedores do Inter na Chácara do Eucalíptos (in: Revista do Sport Club Internacional, edição especial)



O Rolo Compressor em 1948.
Em pé: Ivo, Alfeu, Ilmo, Nena, Viana e Abigail;
agachados: Tesourinha, Vilalba, Adoãozinho, Fandinho e Carlitos
(in: Revista do Sport Club Internacional, edição especial).



“Bóia cativa”: o Beira-Rio em julho de 1965
(in: Beira Rio 25 anos).

Sampaulo



Sampaulo



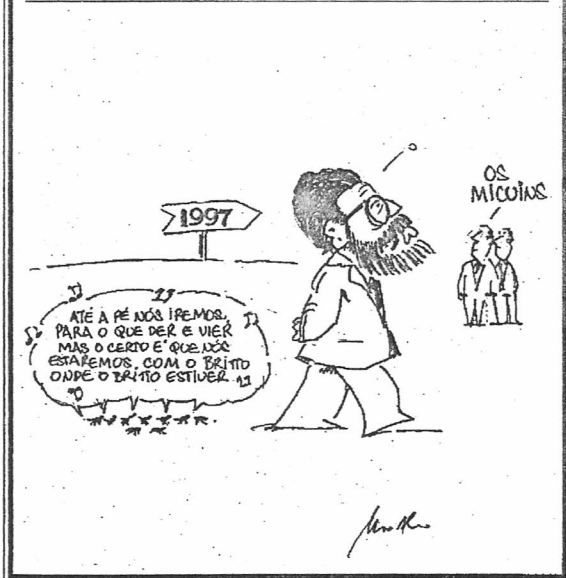
Sampaulo



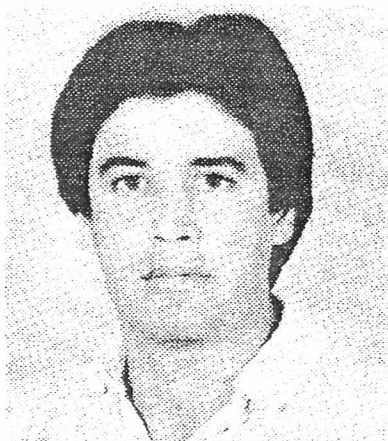
ARCO AURÉLIO



MARCO AURÉLIO



Gre-Nal também é bom para se divertir: quando os gremistas pedem a reeleição do presidente do "outro", acima/esquerda (in: ZH, 12/12/96); quando o papai-noel tem de se adequar-se à rivalidade acima/direita (in: ZH, 17/12/96); chimarreando, centro/esquerda (in: ZH, 16/12/96); com a festa dos "outros", centro/direita (in: ZH, 17/12/96); e até quando o governador Britto é fustigado pela oposição, abaixo (in: ZH, 2/1/97).



GREMISTAS

Em tempo de vacas magras no Beira-Rio, até treinador de futebol troca o cargo de alto risco pela tribuna de uma câmara municipal.

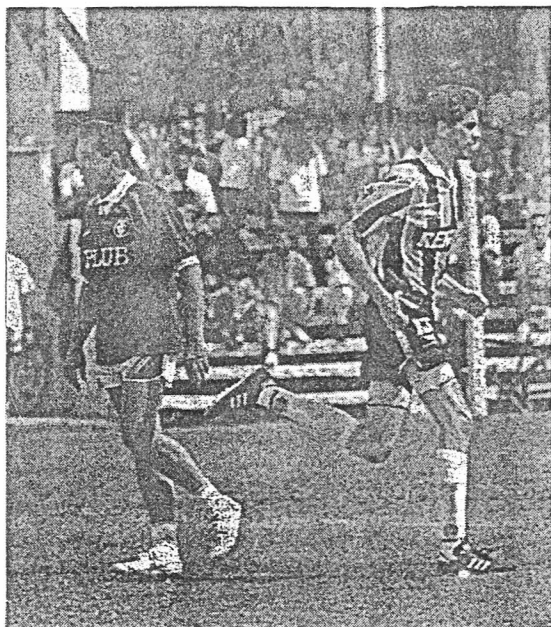
Jorge Antônio Carpes, mais conhecido como **CASSIÁ**, deixou de treinar o Internacional para concorrer a vereador pelo PTB.

Cassiá Nº 14.620

O time do Zambiási dá mais segurança.

Acima: Panfleto distribuído pelos correligionários de Cassiá, ex-atleta gremista, ex-treinador do Internacional e candidato a vereador em 1996 (não se elegeu).

Abaixo/esquerda: Raul Pont (colorado) e José Fortunatti (gremista), atuais prefeito e vice de Porto Alegre, participando de um Gre-Nal entre os militantes petistas durante a campanha eleitoral/96 (in:ZH, 22/9/96).



Abaixo/direita: Lupicínio Rodrigues Filho, valendo-se da herança paterna ao longo da campanha para vereador/1996 (também não foi eleito).

Até a pé nos iremos
Para o que der e vier
Mas o certo é que nós estaremos
Com o GRÊMIO onde o GRÊMIO estiver

Noventa anos de glória,
tens imortal tricolor
Os feitos da tua História
Canta o Rio Grande com amor

Até a pé nos iremos.....

Nós somos bons torcedores
Sem hesitarmos sequer
Aplaudiremos o GRÊMIO
Aonde o GRÊMIO estiver

Até a pé nós iremos.....

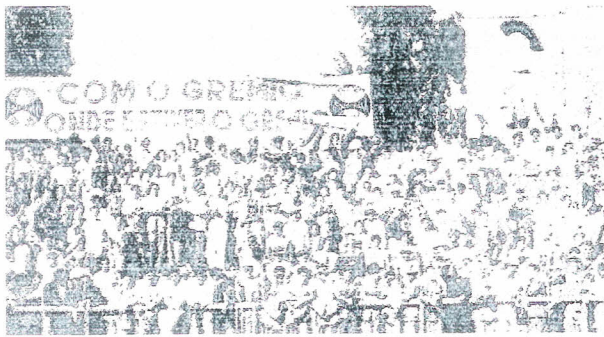
Lara o craque imortal
Soube o teu nome elevar
Hoje com o mesmo ideal
Nós saberemos te honrar

Até a pé nós iremos.....

LUPICÍNIO FILHO
VEREADOR - PDT

VOTE
12.607

APÓIO
VERE
PRES
PRES
VICE



A reinvenção das tradições: acima, o *slogan* e o mascote, criados em 1946 (in: Grêmio 70). Ao lado, Lupicínio Rodrigues, autor do Hino do Cinquentenário (in: Nação Tricolor, ano 1; nº 1). Abaixo, uma espécie de *mea culpa*, com um manequim preto exposto no Museu do Grêmio.





Acima: passagem pelo centro de Porto Alegre da comitiva gremista campeã da Libertadores da América/95, chegada de Cáli/Colômbia e dirigindo-se para o Olímpico.

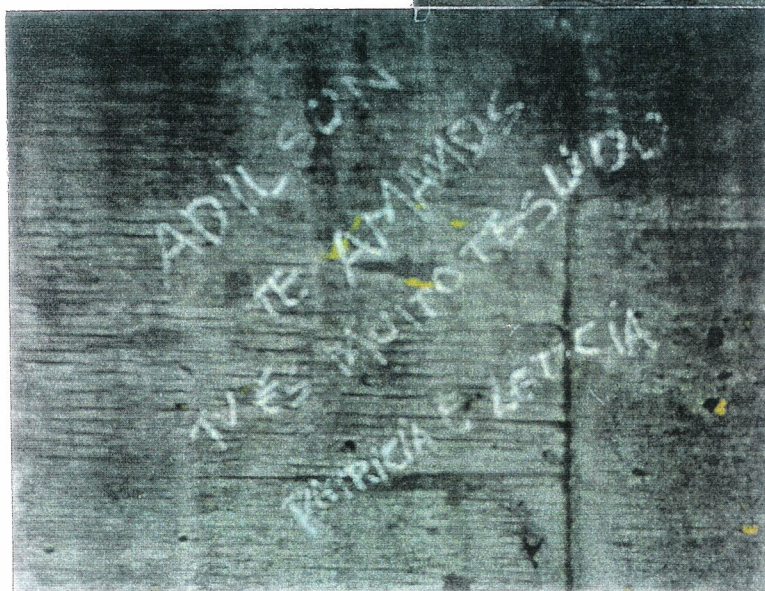
Ao lado: pai e filha em frente ao Palácio Piratini, onde a delegação campeã da América foi recebida pelo governador (set/95).





Ao lado: viagem de retorno de São Paulo (Palmeiras *versus* Grêmio) das Torcidas Organizadas (dez/96).

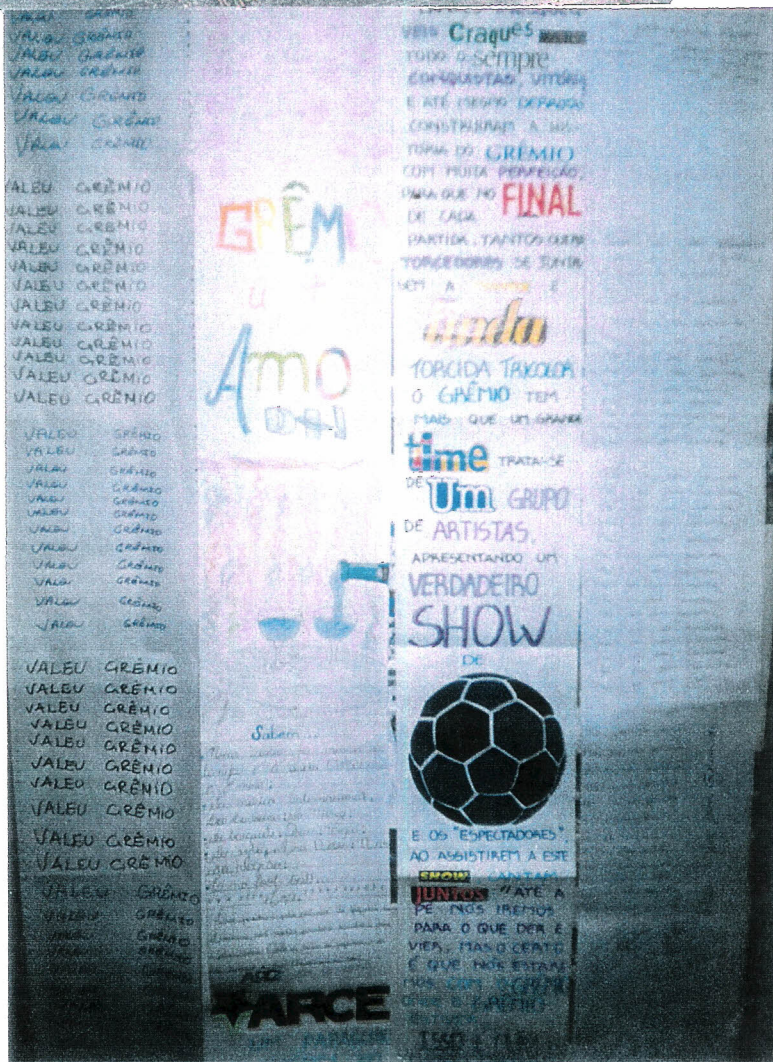
À direita: Super Raça com o “Grêmio onde o Grêmio estiver” (dez/96).



À esquerda: não é apenas o “amor ao clube” que mobiliza certas torcedoras, especialmente as *tietes* (murada interior das sociais do Olímpico, dez/96)



Acima: dístico do Grêmio pintado na Rua José do Patrocínio, centro de Porto Alegre, após a conquista do Campeonato Brasileiro/96 (in: ZH, 17/12/96).
Ao lado, foto-montagem das correspondências enviadas ao Grêmio - todas elas superior a 20 metros de comprimento.





O Grêmio, o Rio Grande do Sul e o Brasil. Ao lado, no pátio e, abaixo, nas sociais do Estádio Olímpico. Comemorações pela conquista da Copa do Brasil/97 (maio/97).



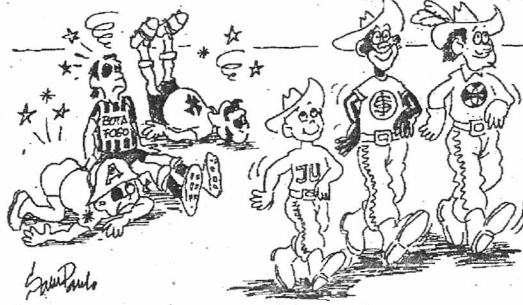


Acima: gremistas posam junto ao símbolo de Porto Alegre, após a conquista da Copa do Brasil/97 (in: ZH, 24/5/97). À esquerda: adesivo forjado na esteira de Ah! Eu sô gaúcho! (nov/97). Abaixo: gremismo e gauchismo; a parceria que rendeu títulos, alegrias e muitos adesivos (nov/97).



SEMANA FARROUPILHA

Sampaulo



Sampaulo

LOGO NA "SEMANA FARROUPILHA"?! SABEM O QUE É QUE EU TENHO VONTADE DE FAZER EM VOCÊS COM ESTA CHAMA CRIÓULA?



Nada como uma semana após outra: acima/esquerda, em 7 e 8/9/97, quando se aproximava a Semana Farroupilha, Juventude, Internacional e Grêmio venceram América-RN, Botafogo e Vasco, respectivamente. No final de semana seguinte, acima/direita, os três representantes gaúchos foram mal no Campeonato Brasileiro. O Grêmio empatou, em casa, diante do Bahia; o Inter perdeu para o Sport, em Recife; e o Juventude perdeu para o Atlético-PR, em Curitiba (in: ZH, 8 e 15/9/97).

E o mesmo pode-se dizer do motivo abaixo: O misto de metáfora alimentar/sexual embalou os sonhos do mosqueteiro antes do jogo contra a Portuguesa de Desportos, pelas finais do brasileirão/96, à esquerda. Mas, no meio da semana, o coloradíssimo Sampaulo, como "bom secador", não deixou passar em branco a inesperada derrota gremista, à direita (in: ZH, 9 e 13/12/96).

Sampaulo

